



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA
CURSO DE SOCIOLOGIA

Trabalho de fim de curso

***“Ontem usei calças, hoje tomo hormonas e amanhã será a cirurgia de redesignação...”*: Processo de desconstrução do corpo feminino para a construção do corpo masculino dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo.**

Autora: Chamina Sérgio Mário Narciso

Supervisora: Prof^a. Doutora Rehana Capurchande

Maputo, Março de 2025



FACULDADE DE LETRAS E CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE SOCIOLOGIA

CURSO: Licenciatura em Sociologia

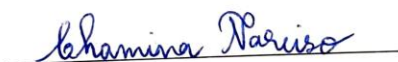
Trabalho de fim de curso

“Ontem usei calças, hoje tomo hormonas e amanhã será a cirurgia de redesignação...”

**Processo de desconstrução do corpo feminino para a construção do corpo masculino dos
homens transgénero na Cidade e Província de Maputo.**

Monografia apresentada em cumprimento parcial dos requisitos para a obtenção do grau de
Licenciatura em Sociologia na Universidade Eduardo Mondlane.

Autor:



Chamina Sérgio Mário Narciso

Supervisor:

Prof^ª. Doutora Rehana Capurchande



O Júri

O Presidente:



O supervisor



O Oponente



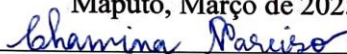
Maputo, Março de 2025

Declaração de Honra

Eu, Chamina Sérgio Mário Narciso, declaro por minha honra que esta monografia nunca foi apresentada de forma parcial ou integral, em nenhuma instituição, para obtenção de qualquer grau académico.

A mesma é produto da minha investigação pessoal, estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas, as fontes usadas para a realização da pesquisa.

Maputo, Março de 2025



(Chamina Sérgio Mário Narciso)

Dedicatória

À minha mãe, como demonstração de retorno de todo o trabalho e investimento que depositou na minha educação. Meu exemplo de mulher, muito obrigada, dona Elizabeth Mário Narciso.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, a Deus todo-poderoso, por me ter concedido saúde, bom ânimo, por me orientar, servir de alicerce e refúgio, não apenas no campo académico, mas também em todas as áreas da minha vida. Por isso, a Ele toda a honra e glória.

De seguida, aos meus pais, Elizabeth Narciso, Sérgio Narciso, Paulito Wachave e Daecesa Bamuenhe, pelos seus ensinamentos, apoio moral, financeiro e por tudo que têm feito por mim.

À minha supervisora, Prof^a. Doutora Rehana Capurchande, pela atenção e cuidado no acompanhamento do meu trabalho. Agradeço também pelo apoio e disponibilidade depositados em mim ao longo da realização da pesquisa e por ter acreditado que eu poderia dar o melhor para o sucesso da pesquisa.

Na academia, a todos os docentes, corpo técnico e administrativo do Departamento de Sociologia da Universidade Eduardo Mondlane, pelo acolhimento e aprendizados transmitidos ao longo desses 4 anos, em especial à Prof^a. Dra. Rehana Capurchande; ao Mestre Neto Sequeira; Mestre Obede Baloi; Prof. Dr. Joaquim Nhampoca, Prof. Dr. Baltazar Muianga e ao Mestre Adriano Maurício. Cada um, de forma particular e especial, instigou em mim o gosto e paixão pela Sociologia.

A cada um dos homens transgénero que participaram da investigação e tornaram o projecto possível. Pelo tempo, atenção e predisposição em ajudar sem nenhuma hesitação, vai o meu muito obrigado, pois o sucesso desta pesquisa, em parte, deve-se à vossa colaboração. Aproveito a ocasião para agradecer novamente a Henry Mate por ter intermediado a comunicação com os participantes.

Aos meus irmãos, António Wachave, Lesley Wachave, Hélia Narciso e Narciso Mário, pelo suporte! Agradeço igualmente aos meus padrinhos Octávio Jaime (em memória) e Olinda Jaime pelo apoio e incentivo dado a mim para cursar Sociologia.

Aos meus colegas, Silva Macave, Yara Muando, Cândido Machava e Juelma Cumbe, que se tornaram em verdadeiros amigos para a vida e estiveram comigo durante os 4 anos de faculdade e no processo de realização dessa pesquisa e a toda turma de Sociologia 2020.

Por fim, ao meu namorado e melhor amigo, Jorge Macamo, um agradecimento especial por ser o meu suporte e refúgio.

Khanimambo!

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CIS	Cisgénero
DIU	Dispositivo Intrauterino
ET AL	Outros ou Outras
LAMBDA	Associação para a Defesa das Minorias Sexuais
LGBTQI	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgénero, Queer, Intersexo
S/D	Sem data
TRANS	Transgénero
UCM	Universidade Católica de Moçambique

Resumo

Este estudo aborda a (des)construção do corpo dos homens transgénero da cidade e província de Maputo. O mesmo tem como objectivo geral compreender os factores que influenciam o processo de construção desse corpo e, especificamente, visa explicar os factores que influenciam a desconstrução dos homens transgénero. Como teoria de base, optámos pelo Estudo de Género de Judith Butler que nos permitiu entender que o género não é fixo, e sim performativo, visto que está circunscrito no corpo. Nesta senda, este estudo constata que a (des)construção do corpo dos homens transgénero de Maputo é realizada através de performances repetidas dos mesmos, quando adoptam suas vestes masculinas, formas de andar e falar tipicamente masculinas, prática de exercícios físicos para materializar o corpo de homem. Para alcançar os nossos objectivos, pautamos por uma abordagem qualitativa, na qual aplicámos a história de vida registada através das entrevistas de relatos orais a oito (8) homens transgénero. Ademais, também verificámos que os homens transgénero desta pesquisa são submetidos a rituais para processos de cura da transgeneridade pelos seus familiares, porém, esses rituais resultam em fracasso. Ainda sobre os resultados, os nossos entrevistados revelaram que a interacção com outras pessoas transgénero influenciou-os a assumirem-se e a construírem as suas identidades, bem como o seu envolvimento em movimentos sociais LGBTQI+ (LAMBDA e TRANSformar). Por último, os resultados revelaram que os homens transgénero desconstroem seus corpos pelo facto de serem alcançados pela vontade de serem livres e para serem legitimados e reconhecidos como homens e, assim, distanciarem-se das lésbicas masculinas. Como resultados, através do estudo, constatámos que existe um conjunto de factores objectivos (o apoio familiar e os grupos de referência) e subjectivos (a necessidade de assumir a transgeneridade) que influenciam a (des)construção do corpo, sendo a liberdade para vivenciar a identidade e o desejo de harmonizar o corpo, mente e o género os factores subjectivos que explicam essa construção.

Palavras-chave: Homens transgénero; género; performance; história de vida.

Abstract

This study deals with the (de)construction of the bodies of transgender men in the City and Province of Maputo. Its general aim is to understand the factors that influence the process of constructing this body and, specifically, it aims to explain the factors that influence the deconstruction of transgender men. As a basic theory, we opted for Judith Butler's Gender Theory, which allowed us to understand that gender is not fixed, but performative, since it is circumscribed in the body. With this in mind, this study finds that the (de)construction of the body of transgender men in Maputo is carried out through their repeated performances, when they adopt masculine clothes, typically masculine ways of walking and talking, and physical exercise practices to materialise the body of a man. To achieve our objectives, we used a qualitative approach in which we applied life stories recorded through oral reports with eight (8) transgender men. In addition, we also found that the transgender men in this research are subjected to rituals to cure their transgenderism by their family members, but that these rituals are unsuccessful. Still on the results, our interviewees revealed that interaction with other transgender people influenced them to come out and construct their identities, as well as their involvement in LGBTQI+ social movements (LAMBDA and Transform). Lastly, the results revealed that the transgender men in this research deconstruct their bodies because they are driven by the desire to be free and to be legitimised and recognised as men, thus distancing themselves from masculine lesbians. As a result of the study, we found that there is a set of objective factors (family support and reference groups) and subjective factors (the need to assume transgender status) that influence the (de)construction of the body, with the freedom to experience identity and the desire to harmonise body, mind and gender being the subjective factors that explain this construction.

Keywords: transgender men; gender; performance; life story.

Índice

Declaração de Honra	ii
Dedicatória	iii
Agradecimentos	iv
LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS	v
Resumo	vi
Abstract	vii
Introdução.....	1
Justificativa.....	3
Capítulo 1 – Da Revisão da Literatura à Construção da Problemática.....	5
1.1. A transição de género realizada através da construção da identidade	5
1.2. Corpo “travesti” como ferramenta de expressão identitária	7
1.3. Construção da masculinidade transgénero através da materialidade dos corpos.....	8
1.4. Objectivos do estudo	10
1.4.1. Objectivo geral	10
1.4.2. Objectivos específicos	10
Capítulo 2 - Enquadramento teórico e conceptual.....	11
2.1. Enquadramento teórico.....	11
2.2. Principais conceitos e sua operacionalização	13
2.2.1. Género	13
2.2.2. Transgénero	14
2.2.3. Corpo	15
Capítulo 3 - Metodologia.....	17
3.1. Método de abordagem	17
3.2. Método de procedimento	17
3.3. Revisão Bibliográfica	18
3.4. Técnica de recolha de dados.....	18
3.5. História de Vida.....	19
3.6. Observação não participante.....	19
3.7. Universo e amostra	20
3.8. Teoria de amostragem	20
3.8.1. Unidade de análise.....	21

3.8.2. Análise de Dados	21
3.8.3. Questões éticas	22
3.8.4. Constrangimentos da pesquisa.....	22
Capítulo 4 - Apresentação, análise e discussão dos dados	24
4.1. Perfil sociodemográfico dos homens transgênero	24
4.2. Processo de (des)construção do corpo dos homens transgênero	27
4.2.1. A descoberta da identidade transgênero	27
4.2.2. Abandono da expressão feminina para a adoção da expressão masculina	31
4.2.3. O sonho da realização da cirurgia.....	36
Capítulo 5 - Factores que influenciam para a (des)construção do corpo dos homens transgênero	40
5.1. Apoio Familiar.....	40
5.2. Grupo de referência	44
5.3. Necessidade de assumir a transgeneridade	46
Capítulo 6 - Factores que explicam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgênero.....	49
6.1. Liberdade para vivenciar a identidade.....	49
6.2. Harmonização do corpo, mente e o gênero	51
Capítulo 7 - Considerações Finais	54
Referências bibliográficas	57
ANEXOS.....	61
Guião de observação.....	64

Introdução

O fenómeno da transgeneridade é um dos temas mais discutidos na actualidade. Atinente ao debate sobre a identidade transgénero, existe, no contexto internacional, um conjunto de estudos, onde autores consideram a transição de género como uma mudança de um estado para o outro e que a articulação entre a decisão de viver, o racismo, a exclusão social e económica influenciam a forma como as pessoas transgénero vivenciam a sua transição e identidade enquanto transgénero. Apesar da forma diversificada que abordam a transição de género, autores como Rego (2015) e Jacinto (2019) não discutem o papel do corpo nessa transição.

Ainda no contexto internacional, identificamos autores que defendem que o ser transgénero é determinado pela transformação do corpo, visto que, para os autores, o corpo é uma ferramenta de expressão identitária. Essa transformação ocorre com base em procedimentos cirúrgicos, movida por diferentes factores, a saber: a necessidade de circular livremente e maior probabilidade de obtenção de emprego. Também encontramos autores como Serrano et al. (2019) e Soares et al. (2021), que consideram a masculinidade dominante como fundamental para a obtenção de reconhecimento social e legitimação dos homens transgénero. Apesar de os autores não discutirem a construção do corpo do homem transgénero, dão subsídio para a compreensão do processo em si, quando fazem menção do uso de actividades físicas pelos homens transgénero como forma de ganhar massa corporal.

No contexto nacional, verificamos o surgimento de debates na área da transgeneridade, concretamente a transgeneridade feminina. Não obstante, encontramos um estudo de Mugabe (2021), no qual o autor se debruça acerca da construção da identidade das mulheres transgénero. O autor constatou que as “manas” transgénero compartilham um género com as mulheres e constroem os seus corpos, identidades e suas vidas na direcção do que consideram feminino. Também se evidenciou o estudo de Wacitela (2022), no qual apresentou os factores que influenciam o processo de desconstrução da identidade das mulheres transgénero e destacou os espaços de sociabilidade e o papel da LAMBDA como alguns desses factores. Apesar de terem apresentado e discutido a construção da identidade transgénero de forma diferenciada, os autores apenas debruçam a transgeneridade feminina, deixando de lado a transgeneridade masculina. Assim, devido à essa lacuna, este trabalho tem como foco a transgeneridade masculina, que entendemos como um acto performativo e não fixo.

No entanto, o presente trabalho pretende estudar o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero. Para tal, buscamos compreender os factores que influenciam esse processo. A pesquisa teve como objectivos específicos os seguintes: i) Descrever o perfil sociodemográfico dos entrevistados; ii) Descrever como o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero

ocorre; iii) Identificar os factores que influenciam a (des)construção do corpo dos homens transgénero; iv) Explicar os factores que influenciam a (des)construção do corpo dos homens transgénero na cidade e província de Maputo.

O trabalho é baseado no estudo de Judith Butler (2018), enquadrada no pós-estruturalismo, cujo objectivo é questionar e desconstruir ideias binárias enquanto fontes de verdades absolutas, como por exemplo, o binarismo de género homem/mulher. Butler (2018) defende que o género é resultado de um discurso político normativo e apresenta o carácter performativo do mesmo. Sendo assim, procuramos, através da performatividade da construção do corpo dos homens transgénero, compreender os factores que influenciam esse processo.

Em termos de metodologia adoptada, o trabalho optou pela abordagem qualitativa, que visa apreender os aspectos do comportamento humano que não são mensuráveis. Também fazem parte da metodologia o método de procedimento, a recolha de dados, a população e amostra, bem como as questões éticas que estiveram na base da nossa pesquisa.

A pesquisa explora o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero, sua performance e as acções com as quais estes expressam o seu género. Uma vez que Butler (2018) afirma que o género é performativo, dado que os indivíduos o constroem através de actos repetidos que criam a ilusão de uma identidade fixa, queremos discutir os factores que influenciam a performance dos homens transgénero, as motivações que os levam a (des)construir seus corpos, pois, Parsons (s/d, citado em Schwinn, 2021) defende que o indivíduo não é totalmente autónomo, a acção do individuo é influenciada pela estrutura, isto é, o individuo tem uma certa autonomia, age por si só, mas condiciona sua actividade através da cultura.

A questão da transgeneridade, tratada na literatura e por nós também, constitui um campo de interesse para a investigação científica, no entanto, em Moçambique, em particular na Sociologia, encontramos um vazio sobre essa temática, pois os estudos se concentram, sobretudo, na transgeneridade feminina, negligenciando a transgeneridade masculina.

Este trabalho está organizado em cinco capítulos. O primeiro apresenta uma revisão da literatura sobre a identidade transgénero, culminando na formulação do problema de pesquisa. O segundo capítulo dedica-se ao enquadramento teórico e conceptual. A metodologia empregada na colecta e análise de dados é detalhada no terceiro capítulo. No quarto capítulo, os dados são apresentados, analisados e interpretados, abordando o perfil dos participantes, o processo de (des)construção do corpo transgénero, e os factores que influenciam esse processo. Por fim, o último capítulo apresenta as considerações finais.

Justificativa

O estudo sobre a transgeneridade tem-se tornado cada vez mais num dos temas mais discutidos na actualidade. A sua problematização na área das ciências sociais é recente, porém é um assunto que remonta há muitos anos e que tem suscitado investigações sobre diferentes contextos sociais, contribuindo para o conhecimento científico desse fenómeno. No entanto, ainda há escassez de conteúdo relacionado com a transgeneridade masculina, principalmente quando se trata de Moçambique. Com isso, e sendo a Sociologia um campo que trata de expor aspectos que fazem parte da nossa sociedade, surgiu aqui uma oportunidade de explorar este tema, de modo a promover a diversidade e a inclusão, contribuir para políticas públicas e compreender as desigualdades sociais.

Para Butler (2018), o género não é uma característica inata, mas sim uma performance repetida e reiterada que cria a ilusão de uma identidade estável. Os indivíduos não nascem com uma identidade de género predefinida, mas a constroem através de suas acções e performances dentro de contextos sociais e culturais específicos.

Butler (2018) chama atenção para a possibilidade da existência de outros géneros que transcendem o binarismo homem/mulher. É com base nessas ideias de Butler que nos propusemos a fazer uma análise da transgeneridade masculina. Segundo Witman (2019), o corpo é uma ferramenta de expressão identitária, assim, optamos pela transgeneridade masculina, concretamente na construção do corpo do homem transgénero e nos factores que influenciam esse processo devido a já extensa literatura sobre a construção da identidade transgénero feminina e à relativa pouca atenção que é dada a questões relacionados com homens transgénero em Moçambique.

O trabalho mostra como o estudo de Butler (2018) apresentada em *Problemas de Género* pode ser aplicada no contexto moçambicano, que é caracterizado pelo domínio da heteronormatividade. Assim sendo, a aplicação desta teoria, neste contexto, mostra que existem indivíduos que subvertem o discurso político normativo de género, quando, com actos repetitivos procuram desconstruir seus corpos para os adequar ao género com o qual se identificam.

Trata-se de compreender, com base na performatividade de Butler (2018), como os homens transgénero (des) constroem seus corpos, que performances estes usam para firmar o seu corpo masculino e que comportamento é adoptado por eles para harmonizar o corpo, a mente e o género.

Consideramos que investigar a transgeneridade masculina na perspectiva da construção do corpo faz uma ruptura com os quadros sociais a que os homens transgénero são sujeitos, revelando

aspectos que, em algumas vezes, não são tão conhecidos pelos outros e que permitem o aprofundamento do conhecimento sobre a transgeneridade masculina.

Para além disso, pessoalmente, o interesse pelo tema surgiu em sala de aula, num seminário da cadeira de Género e Direitos Humanos, onde a Dra. Wacitela fez a explanação da sua monografia, com o tema: "Hoje estou a pôr um pó, amanhã é um batom...": Um estudo sobre o processo de construção da identidade das mulheres transgénero na cidade e província de Maputo. A posterior, a Professora Rehana mostrou disponibilidade em trabalhar com o tema, contudo, numa abordagem que se foca nos homens transgénero.

Capítulo 1 – Da Revisão da Literatura à Construção da Problemática

Nesta parte do trabalho, apresentamos as diversas perspectivas de autores que estudaram a transgeneridade. Com base no debate teórico-empírico sobre o tema em estudo, identificamos três (3) principais abordagens. A primeira concentra-se na transição e construção da identidade transgénero, com contribuições significativas de autores como Rego (2015), Jacinto (2019), Mugabe (2021), Melo (2022) e Wacitela (2022). Uma segunda abordagem aprofunda a análise da construção do “corpo travesti”, com destaque para os estudos de Pelúcio (2005), Vilela (2006) e Wittman (2019). Por fim, a terceira abordagem investiga a masculinidade transgénero, com contribuições de Serrano et al. (2009), Soares et al. (2021) e Abain e Vasconcelos (2022).

1.1. A transição de género realizada através da construção da identidade

Nesta abordagem, os autores defendem que a transição de género é uma mudança de um estado para o outro e que a mesma se realiza com a construção da identidade. Destaca-se Rego (2015), que, no seu estudo *Viver e esperar viver: corpo e identidade na transição de género de homens transgénero*, percebeu que os homens transgénero constroem suas identidades através da experiência transexual nas relações que estabelecem para entrada na categoria “homem” e acabam engendrando uma transição de género específica, um meio à transexualidade masculina. A autora também defende que a transição de género é uma decisão, onde a sua efectivação pode representar “viver” e o seu contrário “não viver”. Os homens transgénero optam pela transição porque vêem nela um modelo através do qual buscam diferenciar-se das “mulheres” com as quais são confundidas no quotidiano, mas das quais estão empenhados em superar como imposição (ibidem).

Por sua vez, Jacinto (2019) afirma que a transição se realiza através de diferentes caminhos, por isso não se pode falar em processo transexualizador, mas sim em processos transexualizadores. Além disso, os processos transexualizadores são vivenciados e significados de maneiras distintas pelos homens transgénero. A articulação entre o racismo, a exclusão social e económica marcam a trajectória e influenciam a forma como eles vivenciam a sua transição e sua condição enquanto homens transgénero e que os mesmos optam pelo processo de transição para que sejam aceites ou se encaixem na sociedade como homens (ibidem).

Ferreira (2019) notou então que o consumo de informação por meio da internet, livros, revistas, enciclopédias e a participação em redes sociais *online* emergem como um facilitador da transição de género, pois diminui incertezas e conflitos durante este momento de intensa ambiguidade. Isso viabilizou, em alguma medida, o planeamento de estratégias que viabilizassem a construção

identitária dessas mulheres por meio de pesquisas sobre hormonizações, sobre onde procurar tratamento médico especializado e grupos sociais de acolhimento.

E sobre a construção da identidade, Mugabe (2021), em *Mapeando as autoidentificações construção das identidades e as subjectividades das ‘manas trans’ da cidade de Maputo*”, argumentou que as “manas trans” compartilham um género com as mulheres e constroem seus corpos, identidades e suas vidas na direcção do que consideram feminino. Ademais, articulam signos dispostos na cultura moçambicana referentes aos cuidados estéticos, corporais e ao vestuário e, desse modo, replicam e desafiam tacticamente a ordem do género vigente, mas reconhecem que não são biologicamente iguais às mulheres. Destaca também a importância da internet e de associações como a LAMBDA que ajudam as “manas trans” a aprenderem suas identificações sexuais (ibidem).

Por sua vez, Wacitela (2022), em *A identidade das mulheres transgénero da cidade e província de Maputo*, verificou que os factores que influenciam a construção da identidade das mulheres transgénero podem ser classificados em dois tipos: internos e externos. Nos factores internos, destacam-se o início da identificação na infância, a sexualidade, a atitude positiva, a necessidade de se revelar, a experiência de revelação da identidade, o processo de aprendizagem e a superação do preconceito. Por seu turno, nos factores externos, destacam-se a aceitação/negação da identidade das mulheres transgénero por parte dos pais, o abandono do lar, os espaços de sociabilidade e o papel da LAMBDA. Ainda segundo a autora, a construção da identidade das mulheres transgénero resulta de um processo contínuo de interacção entre factores internos e externos, onde o indivíduo traz consigo sentimentos e desejos que se materializam ao identificar-se com eles. (Ibidem)

Na mesma senda da construção identitária, Melo (2022) constatou que a construção da identidade das mulheres transgénero está ligada a um longo e multifacetado processo de socialização, no qual os sujeitos aprendem a expressar as suas identidades para si mesmos e para os outros através da moda. A moda funciona como uma ferramenta de expressão e afirmação da identidade para mulheres transgénero, que a utilizam para desafiar normas de género e viabilizar suas experiências. Através de roupas, acessórios e estilos, elas constroem narrativas visuais que celebram sua feminilidade e desafiam padrões hegemónicos (ibidem).

Nesta abordagem, os autores são unânimes em dizer que a transição é uma mudança de um estado para outro. Rego (2015) e Jacinto (2019) convergem quando afirmam que os homens transgénero passam pelo processo de transição de género porque querem aceitação da sociedade e distanciar-se da figura feminina. Segundo os autores, a transição é engendrada em meio à uma transexualidade,

onde uma das práticas é a hormonização, e o consumo de informação é um facilitador para essa transição (Ferreira, 2019).

E sobre a construção da identidade, Mugabe (2021), Melo (2022) e Wacitela (2022) destacam que a construção da identidade transgênero é fruto da socialização, na qual os indivíduos aprendem a expressar as suas identidades para si mesmos e para os outros. Apesar de discutirem a construção da identidade transgênero de forma diversificada, os autores supracitados não discutem de forma particular a construção do corpo transgênero. É também possível notar nesta construção identitária que os autores não abordam a questão da desconstrução do corpo, no entanto, para Le Breton (2007 citado em Ferreira, 2019), o corpo é o lugar e o templo onde se constitui a identidade.

1.2. Corpo “travesti” como ferramenta de expressão identitária

Nesta abordagem, os autores defendem que o corpo é a forma de expressão identitária, o que explica o facto de as pessoas transgênero terem uma preocupação com o corpo e a sua transformação. Pelúcio (2005) constatou que o ser travesti é determinado pela transformação corporal que se dá pelas inúmeras técnicas de intervenção corporal, uso de hormónios e cirurgias plásticas. Para além disso, a autora afirma que esta aprendizagem de transformação do corpo se dá dentro de um grupo, onde aprendem a maquiar-se, a andar e a gesticular como mulheres (ibidem). A autora acrescenta ainda que muitas destas transformações são realizadas sem supervisão médica.

Na mesma senda, Vilela (2006) defende que o quotidiano de pessoas transgênero é marcado pela dificuldade de circulação “à luz do dia”, o que determina um estreitamento nas suas oportunidades de emprego e vida social. Isto determina uma preocupação excessiva com a produção, na perspectiva de que a beleza seja o caminho para o amor, e o amor é a cura para o sentimento de rejeição. Esta produção implica procedimentos por vezes dolorosos e arriscados, suportados inclusive pela ideia de que as mulheres “sofrem para serem belas” (ibidem).

Para Wittman (2019), o corpo é um item imprescindível quando se fala de género e identidade, pois o corpo assume a forma de ferramenta de expressão identitária. Para além disso, diz que o corpo travesti é um corpo que assume a sua artificialidade, e que este é construído através de procedimentos cirúrgicos e não só, mas que também envolve o uso de testosterona, hormonas, e o *binder*, que é um colete que reprime os seios (ibidem).

Na mesma linha de pensamento, Bento (2009) argumenta que a procura por esses procedimentos cirúrgicos é motivada pela busca ao reconhecimento do género identificado. Porém, antes da realização da cirurgia, há um conjunto de técnicas já transmitidas para a construção de

características corporais que lhes possibilitam transitar como membro do género identificado (ibidem).

Nesta “construção de corpo”, as redes de trocas de informações são como espaços de suporte, intercâmbio de experiências e dados sobre medicamentos e outros serviços. Na perspectiva de Recuero (2009), a interacção pela internet institui comunidades virtuais, nas quais todos se relacionam em harmonia e igualdade e estão permanentemente dispostos a colaborar uns com os outros sem nenhuma diferença. O contexto das pessoas transgénero também é assim, pois elas também interagem em grupos e páginas em redes sociais de forma harmoniosa, dando-se suporte mútuo na transformação do corpo.

Nesta abordagem, os autores são unânimes em afirmar que a construção do “corpo travesti é uma maneira das travestis firmarem suas identidades e que várias são as técnicas usadas pelas travestis para a construção dos seus corpos, que é influenciada por diversos factores. Porém, esta abordagem foca-se apenas na construção do corpo da mulher transgénero e dá mais destaque para aspectos médicos na construção do “corpo travesti”, sendo que, segundo Rodrigues (2006) citado por Homrich (2019), os processos que envolvem as reflexões sobre o corpo são muito complexos, pois a construção da identidade pessoal relacionada com o corpo está directamente ligada a modelos sociais instituídos, é a sociedade no seu todo e cada fragmento social, em particular, que decide o ideal físico.

1.3. Construção da masculinidade transgénero através da materialidade dos corpos

Nesta perspectiva, os autores defendem que a masculinidade transgénero tem a ver com a materialização física do corpo. Segundo Serrano et al (2019), a actividade física é vista pelos homens transgénero como um dos processos de masculinização. Estes fazem uso das actividades físicas em busca de ganho de massa corporal e definição muscular, aspectos que, na vida deles, remetem a um corpo masculino, reforçando assim a masculinidade (ibidem).

Os autores também dizem que os diversos objectivos enumerados para justificar a busca por essas actividades circulam no mesmo eixo, obter um corpo “de homem” que os faça ser reconhecidos no meio masculino, as actividades físicas estão presentes em todas as camadas sociais no dia-a-dia de diferentes sujeitos por diversos motivos diferentes (Serrano, et al 2019). A musculação, bem como outras actividades físicas, pode alterar aquilo que não satisfaz os homens transgénero, além de inseri-los em um contexto masculino, já que é “[...] buscada a força muscular em si, em sua dimensão simbólica de restauração de identidade”. (Le Breton, 2013, p,43, citado em Serrano et al, 2019).

Por sua vez, Soares et al. (2021) constataram que a masculinidade dominante continua a ser fundamental para a obtenção de reconhecimento social e legitimação dos homens transgénero. Assim, ainda que rejeitem estes modelos, muitos acabam por adoptar comportamentos que os permitem ver as suas identidades válidas, (re)negociando-as constantemente. Os autores acrescentam dizendo que grande parte dos homens transgénero procura (re)construir masculinidades mais livres e igualitárias, através da desconstrução e da rejeição de modelos hegemónicos, assim a masculinidade transgénero pode então representar a masculinidade hegemónica (Soares et al, 2021).

Na mesma linha, Abain e Vasconcelos (2022) argumentam que a construção da masculinidade não pode ser entendida sem se ter em conta a materialidade dos corpos, dentro de uma ordem de género regida sobre a masculinidade hegemónica. Pois, se todos traços comuns se perdem para as diferentes significações da masculinidade, o corpo permanece central, pois esta masculinidade é materializada através de práticas corporais (Abain & Vasconcelos, 2022).

Como se evidencia, esta perspectiva tem uma visão simplista da masculinidade, porque a associa apenas como algo corporal, sendo que a masculinidade pode ser também comportamental. Apesar de não falarem da (des)construção do corpo do homem transgénero, dão subsídio para a compreensão do processo em si, quando os autores Serrano et al. (2019), acima mencionados, fazem menção do uso de actividades físicas pelos homens transgénero como forma de ganhar massa corporal.

Feita a revisão da literatura, podemos aferir que a questão da transgeneridade foi amplamente discutida, porém são poucos os estudos que exploram a construção do corpo do homem transgénero de forma particular e, mesmo quando o fazem, a análise está em volta da dimensão médica. No entanto, Rodrigues (2006) citado por Homrich (2019) defende que os processos que envolvem as reflexões sobre o corpo são muito complexos, pois a construção da identidade pessoal relacionada com o corpo está directamente ligada a modelos sociais instituídos, é a sociedade, no geral, e cada fragmento social, em particular, que decide o ideal físico. É por isso que, diante da predominância de estudos sobre a transgeneridade feminina em nosso contexto, consideramos crucial realizar uma análise social da transgeneridade masculina em Moçambique.

Devido aos factores acima mencionados, procuramos compreender que factores influenciam o processo de (des)construção do corpo transgénero na cidade e província de Maputo. Assim sendo, a nossa pergunta de partida é: *Quais são os factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero na cidade e província de Maputo?*

E apresentamos a seguinte hipótese: Os homens transgénero (des)constróem seus corpos influenciados, sobretudo, por factores subjectivos, como a busca por inserção na vida social e a necessidade de entrada na categoria homem.

1.4. Objectivos do estudo

1.4.1. Objectivo geral

- Compreender os factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo.

1.4.2. Objectivos específicos

- Descrever o perfil sociodemográfico dos homens transgénero;
- Descrever o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero;
- Identificar os factores que influenciam a (des)construção do corpo dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo;
- Explicar os factores que influenciam a (des)construção do corpo dos homens transgénero.

Capítulo 2 - Enquadramento teórico e conceptual

Neste capítulo, apresentamos a teoria e os conceitos que orientaram a realização da pesquisa. Pautamos pelo uso da teoria pós-estruturalista, concretamente sobre o estudo de Judith Butler, que discute a desconstrução das ideias binárias enquanto fontes de verdades absolutas, e os conceitos por nós identificados são: género, transgénero, e corpo.

2.1. Enquadramento teórico

No presente trabalho, optamos pelo pós-estruturalismo como teoria de base para orientar a nossa pesquisa, concretamente o estudo de Judith Butler (2018) com o título Problemas de Género.

A génese do termo pós-estruturalismo deu-se no ano de 1966 e, de acordo com Peters (2000), caracteriza-se como uma prática tradicionalmente norte-americana, uma vez que o termo foi a forma encontrada pela comunidade académica dos Estados Unidos para descrever filosoficamente ideias que se opõem ao estruturalismo, alicerçado nas obras de um conjunto diversificado de teóricos (Casali & Gonçalves, 2018).

O pós-estruturalismo está vinculado à teoria do discurso, aos estudos culturais e à teoria *queer*. Cada uma dessas teorias apresenta aspectos diferentes (discurso, cultura e género), mas que são igualmente trabalhados pelo desconstrutivismo e descentramento do sujeito apresentado outrora na história da humanidade (Aguilar & Gonçalves, 2017).

Este trabalho enquadra-se na teoria *queer* devido ao objectivo que o norteia. A teoria *queer* surgiu nos Estados Unidos e teve como referências teóricas as produções de Michel Foucault e Jacques Derrida, que forneceram as bases filosóficas para o movimento, fundamentados mais especificamente nas obras “História da Sexualidade 1: A vontade de Saber”, de 1976, e “Gramatologia”, de 1967 (Miskolci, 2009, citado em Casali & Gonçalves, 2018).

De acordo com Miskolci (2014) citado por Aguilar e Gonçalves (2017), a teoria *queer* questiona a ordem política e cultural da heterossexualidade hegemónica e busca um foco menos “minoritarizante” com relação às sexualidades dissidentes, transexuais, travestis, intersexuais, etc..

A escolha do pós-estruturalismo como teoria de base desta pesquisa é justificada pelo facto de esta teoria ajudar a desconstruir as ideias consideradas absolutas, ajudando-nos, assim, a desconstruir o binarismo de género homem/mulher como os únicos géneros existentes.

Pautamos pelo estudo de género de Judith Butler por ser o que melhor se enquadra nos objectivos desse trabalho, como veremos a seguir.

Butler constrói o seu quadro teórico sobre o género dentro da teoria *queer*, baseando-se na contribuição de Michel Foucault (1979).

Considerada uma das principais pensadoras acerca da questão de género e a teoria *queer*, Judith Butler (1999) inicia seus estudos a partir da análise das relações de poder existentes entre homens e mulheres e entre a homossexualidade e heterossexualidade, evidenciando e demonstrando que a construção do dispositivo da sexualidade é fortemente marcado pela norma heterossexual (Aguilar & Gonçalves, 2017).

Butler (2018), em *Gender Trouble* (Problemas de género), apresenta-nos três ideias, a primeira é que o género é resultado de um discurso político heteronormativo, a segunda argumenta que esse discurso pode ser subvertido, pois a possibilidade de novas identidades mostra que o género não é fixo, e a terceira e última ideia defende que o género é performativo, visto que ele está circunscrito no corpo, assim sendo, o indivíduo constrói sua identidade através da acção.

Num primeiro momento, Butler (2018) argumenta que o género é resultado de um discurso político normativo, onde a “unidade” do género é o efeito de uma prática reguladora que busca uniformizar a identidade do género por via da heterossexualidade compulsória. Portanto, os papéis de género são um discurso político que resultam das relações de poder que regulam e governam o sexo e o corpo, logo, o género não é algo biológico.

De seguida, Butler (2018) mostra que é possível subverter esse discurso político heteronormativo ao argumentar que a identidade se afirma por intermédio de um processo de significação e que as regras que governam a significação não só restringem, mas também permitem a afirmação de campos alternativos de inteligibilidade cultural às novas possibilidades de género que contestem os códigos rígidos dos binarismos hierárquicos, então é somente no interior das práticas de significação repetitiva que a subversão se torna possível.

Por último, Butler (2018) defende que o género é performativo por este estar circunscrito no corpo do indivíduo, pois as identificações sustentadas pela melancolia são “incorporadas”. Se não está literalmente dentro do corpo, talvez esteja sobre o corpo, como seu significado superficial, de tal modo que o próprio corpo tem de ser compreendido como um espaço incorporado. Assim como as superfícies corporais são impostas como o natural, elas podem tornar-se o lugar de uma performance dissonante e desnaturalizada que revela o *status* performativo do próprio natural, isto é, o género é performativo, e é no corpo que os indivíduos constroem a sua identidade de género através da acção repetitiva, pois é agindo que nos constituímos.

O estudo de Butler (2018) mostrou-se relevante para este estudo, pois defende que o género não é algo biológico, mas sim uma performance repetida que cria a ilusão de uma identidade fixa. Assim sendo, podemos compreender como é que, através da performance, os homens transgénero da pesquisa constroem suas identidades, em um segundo momento, chama atenção para a possibilidade da existência de outros géneros que transcendem o binarismo homem/mulher ou macho/fêmea. Com base nesse pressuposto, podemos considerar a identidade de género das pessoas transgénero dentro dessa possibilidade e, por último, sendo o género um discurso circunscrito no corpo do indivíduo, pode ser subvertido através da performance.

Num primeiro momento, ao não se identificarem com o seu género de nascença, os homens transgénero estão a subverter as regras da sociedade heteronormativa através de um processo de significação amplo e que, em cada contexto social, abre vastas possibilidades de género que contestam os códigos estabelecidos pela sociedade.

O género só existe enquanto acto representado na performance recorrente dos indivíduos na construção do corpo. Este processo de performance leva os indivíduos ao desejo de cirurgia de redesignação a fim de enquadrar a mente e o género com os seus corpos, com o intuito de afirmar a sua identidade masculina.

Através desse estudo, foi possível compreender como os homens transgénero constroem suas identidades e, conseqüentemente, (des)constroem seus corpos através de acções repetitivas que criam ilusão de um género fixo.

2.2. Principais conceitos e sua operacionalização

2.2.1. Género

O género aparece como uma das categorias analíticas produzidas pela teoria feminista contemporânea e assumida pelas diferentes áreas académicas para a compreensão dos comportamentos sociais entre homens e mulheres. Esse conceito nasceu no interior do movimento feminista norte-americano e de sua articulação com a academia, opondo-se à dominação e opressão masculina.

Para Scott (1989), o género é um elemento constitutivo de relações sociais, baseado nas diferenças percebidas entre os sexos. Ao contrário de Scott (1989), Lima et al. (2017) afirmam que, no tocante ao conceito de género, este envolve um conjunto de representações culturais, valores e atribuições sociais direccionadas a cada género, o masculino e o feminino. Para estes autores, a

componente sexo não entra na concepção de género, uma vez que este elemento está mais ligado a factores culturais, ao passo que Scott (1989) entende o género com base nas diferenças de sexo.

Para Butler (2018), o género é culturalmente construído, consequentemente, não é nem o resultado causal do sexo nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Se o género é o conjunto de significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra de um sexo, desta ou daquela maneira. (ibidem). Esta visão de Butler aproxima-se a de Lima et al. (2017) por questionar a binaridade de género, argumentando que o social, e não o sexo, é o principal factor na construção de género.

O género não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado, tem de designar também o aparato de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos (Butler, 2018). O género não está para a cultura como o sexo está para a natureza, ele é o meio discursivo cultural pelo qual “a natureza sexuada ou um sexo natural “ é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (ibidem).

Como se nota nas definições acima, o género é tido como algo culturalmente construído (Butler, 2018), envolvendo representações, valores e atribuições sociais (Lima et al, 2017). E é com base nesses elementos que aplicamos o conceito de género neste trabalho, pois o entendemos como resultado das representações culturais, valores, significados e papéis sociais direccionados a homens e mulheres, visto que os homens transgénero constroem sua identidade de género com base em seus significados, que resultam desse processo de socialização com outras pessoas transgénero.

2.2.2. Transgénero

Segundo Jesus (2012), transgénero é o conceito “ guarda-chuva” que abrange o grupo diversificado de pessoas que não se identificam, graus diferentes, com comportamentos e/ou papéis esperados do género que lhes foi determinado aquando de seu nascimento.

Transgénero, por conseguinte, pode ser entendido como a pessoa que não se identifica e não se reconhece com a performatividade e com os papéis vinculados ao género que lhe foi atribuído (Ávila e Grossi, 2010, citado por Souza & Silva, 2017). Esta visão destaca os papéis vinculados a cada género e que os indivíduos transgridem, pois não se identificam, enquanto Jesus (2012) fala de gestão de expectativas esperadas a um indivíduo.

De acordo com Lanz (2014) citado por Negrini et al (s/d), a condição transgénero ou transgeneridade é denominada como fenómeno sociológico de desvio ou transgressão das normas

de conduta estabelecidas pelo dispositivo binário de género homem, mulher. O ser transgénero vive constantemente segmentado e tensionado entre a infracção dessas normas e a busca pela conformação dessas regras, só que, em geral, dentro de uma categoria de género que é oposta àquela em que essa pessoa foi incluída ao nascer (ibidem). À semelhança de Ávila e Grossi (2010) citado por Souza e Silva (2017) esta visão destaca que a transgeneridade é vista como a transgressão de regras estabelecidas com vista a viver uma identidade diferente daquela atribuída a nascença.

Todos os autores acima mencionados convergem na ideia de que o transgénero é o indivíduo que rompe os padrões comportamentais que foram definidos e são esperados de acordo com o seu género. Ávila e Grossi (2010) citado por Souza e Silva (2017) concebem transgénero como a pessoa que não se identifica e não se reconhece com a performatividade e com os papéis vinculados ao género que lhe foi atribuído. Esta é a definição que vai de encontro com aquilo que são as pretensões deste trabalho.

Esta visão de transgénero enquanto uma pessoa que não se identifica nem reconhece a performatividade de género atribuída é o que nos leva a usar esse conceito, pois acreditamos que é devido a essa rejeição à performatividade de género atribuída que os homens transgénero desconstroem seus corpos.

2.2.3. Corpo

Para Montagner (2006), na nossa sociedade, o corpo é o suporte de uma construção identitária realizada pela estrutura social sobre a pessoa, construção da qual o próprio indivíduo não é inteiramente sujeito. A construção do corpo envolve os movimentos corporais, os modos de higiene, as posturas, os gestos, a maneira de olhar, falar, enfim, tudo o que se refere ao corpo, (ibidem).

Por sua vez, Goellner (2010) citado por Ferreira (2019, p.72-73) afirma que um corpo não é só um corpo, mas também tudo o que o circunda. Mais do que um conjunto de músculos, ossos, vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos.

Le Breton (2007) defende que o corpo é o vector semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída, actividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimónias dos ritos de interacção, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos subtis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento, etc..

Todos os autores acima apresentados, são unânimes na ideia de que o corpo é uma ferramenta de expressão identitária. Essa construção apresentada pelos autores engloba roupas, formas de andar, uso de exercícios físicos e movimentos corporais. Por tanto é com estes aspectos que aplicamos o conceito de corpo neste trabalho, pois, o entendemos como um meio através do qual os homens transgêneros usam da roupa, acessórios, gestos corporais, maneira de falar e andar para assumirem e vivenciarem a sua transgeneridade.

Capítulo 3 - Metodologia

Neste capítulo, apresentamos e justificamos a nossa escolha metodológica, as técnicas e procedimentos usados na colecta, análise e interpretação dos dados.

Esta pesquisa foi feita com base no método qualitativo que, segundo Minayo (2001), preocupa-se com um nível de realidade que não pode ser quantificado, isto é, trabalha com o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenómenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

Optamos por este método porque nos permitiu compreender melhor as motivações que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero e o significado que eles dão a esse processo. Esta abordagem auxiliou-nos ainda a captar os aspectos subjectivos relacionados com a construção de identidade, como por exemplo, a necessidade dos homens transgénero assumirem e vivenciarem suas identidades.

3.1. Método de abordagem

O método de abordagem escolhido é o indutivo. A indução é um processo pelo qual, partindo de dados ou observações particulares constatadas, podemos chegar a proposições gerais. Assim sendo, o método indutivo parte de premissas dos factos observados para chegar a uma conclusão que contém informações sobre factos ou situações não observadas (Richardson, 2012).

O carácter indutivo da pesquisa justifica-se pelo facto de termos procurado, por intermédio de análise de uma parcela ou grupo de homens transgénero que (des)construíram seus corpos, a generalização sobre o todo. Assim sendo, com a amostra escolhida, estudamos uma parcela dos homens transgénero da cidade e província de Maputo e chegamos à generalização do todo em relação aos factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero.

3.2. Método de procedimento

Como método de procedimento, recorreremos à fenomenologia, que é o método no qual o pesquisador se preocupa em mostrar e esclarecer o que é dado. Este método não procura explicar mediante leis, nem deduzir com base em princípios, mas considera imediatamente o que está presente na consciência dos sujeitos (Gil, 2008).

A intenção da fenomenologia é pois a de proporcionar uma descrição directa da experiência tal como ela é, sem nenhuma consideração acerca da sua génese psicológica e das explicações causais que os especialistas podem dar. Para tanto, é necessário orientar-se ao que é dado directamente à consciência, com a exclusão de tudo aquilo que pode modificá-la.

A escolha desse método para a nossa pesquisa se deveu ao facto de ele permitir ao pesquisador compreender o modo de viver do actor social, e não de definições e conceitos, mostrando e esclarecendo o que lhe é dado sem deduzir com base nos seus princípios, preconceitos ou juízos de valor. No caso concreto deste estudo, o método permitiu, a partir dos homens transgénero, compreender como é construído e vivenciado o processo de (des)construção do corpo e que significado eles dão a essa prática, bem como os factores que influenciam o mesmo.

3.3. Revisão Bibliográfica

A pesquisa optou pela revisão da bibliografia, que consiste no levantamento das pesquisas já realizadas sobre o tema que o pesquisador pretende estudar para a não duplicação de esforços ou repetição de ideias já expressas (Lakatos & Marconi, 2003). Estes estudos podem apresentar-se sob forma de livros, artigos científicos, relatórios de pesquisas, teses, dissertações, etc.. O levantamento de diversas fontes de dados permite ao pesquisador salientar a contribuição do seu trabalho, demonstrar contradições ou reafirmar comportamentos e atitudes (ibidem).

A revisão da literatura consistiu no levantamento de estudos já feitos em Moçambique e no exterior sobre o tema “homens transgénero” e “construção do corpo travesti”. A revisão da literatura foi baseada em artigos e livros encontrados em buscas realizadas no Google, Google Académico e no repositório da Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, cujas palavras-chave foram “homem transgénero”, “corpo travesti” e “desconstrução do corpo”.

A revisão da literatura permitiu-nos constatar que, no contexto internacional, a (des)construção do corpo transgénero foi amplamente discutida sob várias perspectivas. Contudo, no contexto nacional, são poucos os estudos que discutem o tema, mas a revisão também nos apoiou na formulação do problema e na definição dos nossos objectivos.

3.4. Técnica de recolha de dados

Como técnica de recolha de dados, optamos pela história de vida e a observação não participante.

3.5. História de Vida

A história de vida é um tipo de relato oral, no qual um narrador discorre sobre a sua existência, reconstituindo acontecimentos e transmitindo experiências adquiridas (Queiroz, 1987, citado por Lima e Moreira, 2015, p.6-7). Através da narrativa do relato individual, é possível delinear traços da colectividade, cabendo ao pesquisador captar aspectos particulares das narrativas e ser capaz de ultrapassar a esfera do individual, transpondo-os para a esfera colectiva (ibidem). Nesse sentido, o estudo procurou, por meio de entrevistas não directivas, o relato das histórias de vida de homens transgénero, onde buscamos compreender os aspectos subjectivos do processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero e os factores que influenciam esse processo.

A escolha dessa técnica deveu-se ao facto de ela atender ao nosso propósito, que foi o interesse na fidelidade das experiências e interpretações que os homens transgénero têm em relação ao processo da (des)construção do corpo e os factores que o influenciam. Essa técnica constitui um instrumento de interpretação do processo social com base nas experiências subjectivas das pessoas que o vivenciaram. Assim sendo, auxiliou-nos, através da história de vida dos homens transgénero, na interpretação dos factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo com base nas experiências subjectivas dos nossos participantes.

Os relatos das histórias de vida foram colhidos no período de Dezembro de 2023 a Março de 2024, todos foram feitos presencialmente e gravados, tendo sido solicitado a priori o consentimento informado oralmente a cada um dos participantes, com os objectivos da pesquisa, os ganhos a ela associados e posteriormente gravados mediante a sua permissão.

3.6. Observação não participante

A observação não participante é aquela em que o observador tem contacto com a comunidade, grupo alvo ou realidade estudada, mas sem se integrar a ela, permanece de fora (Lakatos & Marconi, 2003). O pesquisador presencia o facto, mas não participa dele, não se deixa envolver pelas situações, faz mais o papel de espectador, isso, porém, não quer dizer que a observação não seja consciente, dirigida e ordenada para um determinado fim (ibidem).

Optamos pela observação não participante, pois ela nos permitiu ter uma visão mais objectiva justamente por estarmos directamente desconectados do fenómeno que observamos, nesse caso, os factores que influenciam o processo através do qual ocorre a transformação do corpo dos homens transgénero. Outra razão foi o facto de, neste tipo de observação, o investigador assumir um papel de observador exterior, não tomando assim qualquer iniciativa no evoluir das situações que observa, o que nos permitiu mantermo-nos neutros.

Esta técnica auxiliou-nos na observação durante a colecta de dados, pois nos permitiu visualizar o comportamento dos homens transgénero, as atitudes, a forma de vestir, de falar, andar e os acessórios usados por eles. Também pudemos verificar que os nossos entrevistados são homens em todos os momentos e não se adequam à situação a que Goffman (2002) chamou de “crença no papel que o indivíduo está representando”, onde a crença se verifica quando o actor está inteiramente compenetrado de seu próprio número e o cinismo quando este pode não estar compenetrado de sua própria prática. Porque o indivíduo que quer uma categoria social deve comportar-se como tal, deve confirmar aquilo que diz através do seu comportamento, e concluímos que os nossos participantes não só se assumem como homens transgénero, como também estão compenetrados e comportam-se como tal.

Os aspectos acima mencionados foram observados também na LAMBDA, TRANSformar e em dois eventos (palestra e feira) organizados pela LAMBDA, nos quais tivemos a oportunidade de participar, onde os homens transgénero interagem com outras pessoas transgénero e não transgénero com o objectivo de brincar, promover e divulgar os direitos das pessoas LGBTQI+.

3.7. Universo e amostra

Para Lakatos e Marconi (2003), o conceito de população ou universo compreende ao conjunto de seres animados e inanimados que apresentam pelo menos uma característica em comum. Relativamente à amostra, as autoras entendem como sendo uma porção ou parcela, convenientemente seleccionada do universo.

O nosso universo foi composto por homens transgénero e a nossa amostra circunscreveu-se aos homens transgénero assumidos residentes na cidade e província de Maputo. Deste grupo, captamos a história de vida de oito (8), com idades compreendidas dos 20 aos 31 anos. Este número justifica-se pelo facto de termos atingido a saturação dos relatos, tendo-se verificado, a partir da sexta história de vida, alguma exaustão das informações colhidas, pois os homens transgénero começaram a seguir o mesmo padrão e a apresentar elementos iguais nos seus relatos.

3.8. Teoria de amostragem

Devido ao carácter qualitativo da pesquisa, a técnica de amostragem é a não probabilística que, segundo Gil (2008), não apresenta fundamentação matemática ou estatística, dependendo unicamente de critérios do pesquisador. Optamos por essa técnica de amostragem porque é a que mais se adequa à nossa pesquisa e porque permite a inclusão de elementos que são difíceis de definir ou identificar. Nós optamos por usar a amostragem em bola de neve, um tipo de técnica de amostragem não probabilística.

Segundo Bernard (2005) citado por Vinuto (2014), esta técnica de amostragem é útil para se estudar populações difíceis de aceder ou que não há precisão sobre sua quantidade. Agora, para Vinuto (2014), a amostragem em bola de neve mostra-se como um processo de permanente colecta de informações que procura tirar proveito das redes sociais dos entrevistados identificados para fornecer ao pesquisador um conjunto cada vez maior de contactos potenciais, sendo que o processo pode ser finalizado a partir do critério de ponto de saturação.

A escolha dessa técnica de amostragem deveu-se ao facto de os homens transgénero serem de difícil acesso, por questões de revelação ou não das suas identidades. E também porque, para a identificação e localização dos homens transgénero, tivemos os contactos dos entrevistados com o auxílio da nossa semente, trabalhador na LAMBDA, que já os conhecia, tendo, a partir daí, entrado em negociação para a participação deles na nossa pesquisa, onde seis (6) dos nossos oito (8) participantes fazem parte da LAMBDA.

3.8.1. Unidade de análise

A unidade de análise refere-se ao local onde a pesquisa será realizada. Em geral, a unidade de análise é uma pessoa, mas podem ser cidades, indústrias, escolas, etc.. (Richardson, 2012). Devido à componente financeira que limitou as nossas escolhas, a pesquisa foi realizada na Cidade e Província de Maputo. Optamos apenas por fazer entrevistas presenciais porque queríamos ter uma interacção mais profunda com os entrevistados e observar as características da transformação.

3.8.2. Análise de Dados

Segundo Lakatos e Marconi (2003), a análise de dados é a tentativa de estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Para isso, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico a fim de conseguir respostas às suas indagações.

A análise de dados procedeu-se com base na técnica de análise de conteúdo. Segundo Bardin (2016), esta técnica consiste no conjunto de técnicas de análise da comunicação humana, utilizando procedimentos sistemáticos e objectivos de descrição do conteúdo das mensagens. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (ibidem). Assim sendo, a análise de conteúdo permitiu avaliar informações dadas pelos nossos participantes de forma objectiva e os significados advindos das suas mensagens.

Durante o procedimento de colecta de dados, todas as histórias de vida foram gravadas, antecedidas pelo consentimento dos participantes. Os relatos foram transcritos, categorizados e, por fim, analisados.

3.8.3. Questões éticas

Segundo Colona (2012), o processo de pesquisa envolve a responsabilidade do cientista ou investigador no campo da ética, no sentido do pesquisador não pensar somente nos ganhos da pesquisa mas, também, nos riscos que os sujeitos de pesquisa teriam ao participar da pesquisa. O presente trabalho destacou o consentimento informado, a questão da sensibilidade do investigador, a confidencialidade e a liberdade do participante.

No que tange ao consentimento, foi usado o consentimento informado para proteger os homens transgénero. E, devido à sensibilidade do tema, e uma vez que eles também tinham compreensão do que estava a ser abordado e de forma voluntária participaram na pesquisa, a pesquisa também levou em consideração o aspecto ético da sensibilidade do investigador, onde tivemos a compreensão dos entrevistados, cuidado com o que gravar e de parar a entrevista quando tocássemos em questões sensíveis para o entrevistado.

Também levamos em conta a questão da confidencialidade, onde toda a informação que nos foi transmitida pelos participantes foi colocada em sigilo, a fim de salvaguardar a integridade moral dos participantes e a originalidade da pesquisa. O último aspecto ético por nós considerado foi a liberdade do participante, onde demos ao participante a liberdade de expor suas dúvidas, questões e o direito de não responder certas perguntas.

3.8.4. Constrangimentos da pesquisa

No decorrer da elaboração da pesquisa, deparámo-nos com alguns obstáculos que dificultaram a sua execução, desde a concepção do projecto até à colecta dos dados. A primeira dificuldade encontrada teve a ver com a escassez de literatura sobre a transgeneridade masculina, principalmente no contexto moçambicano. Uma forma de superar esta barreira foi a busca e uso de estudos desenvolvidos em outras realidades sociais do mundo.

A segunda e principal dificuldade encontrada esteve relacionada com a recolha dos dados, onde, no início, tivemos dificuldades em localizar e identificar os homens transgénero, pois, por falta de informação, costuma-se assemelhar os homens transgénero às lésbicas masculinas. Tivemos esse imbróglho durante o trabalho de campo, pois, inicialmente, confundimos lésbicas masculinas com homens transgénero, foi só na realização das entrevistas que as lésbicas masculinas se

identificaram como tal. Para superar este constrangimento, recorremos ao nosso ponto focal, uma mulher transgénero que trabalha na TRANSformar, que nos colocou em contacto com o nosso primeiro entrevistado e intermediou o encontro com os restantes participantes do universo amostral.

Num terceiro momento, deparámo-nos com o incumprimento do horário por parte de alguns entrevistados, assim como o adiamento e desistência de última hora das entrevistas. E também houve cobrança de valores monetários por parte de alguns entrevistados em troca de informação.

E por motivos de ética profissional, não pudemos oferecer o dinheiro pedido, de modo a não comprometer a validade das informações recolhidas. Tendo apenas, em alguns casos, comprado água para os nossos entrevistados, uma vez que algumas das entrevistas foram realizadas em tempo de calor intenso.

Capítulo 4 - Apresentação, análise e discussão dos dados

No presente capítulo, apresentamos os dados obtidos durante a realização do trabalho de campo e fazemos a análise e a respectiva discussão dos resultados, à luz do quadro teórico do pós-estruturalismo, precisamente, o estudo de Judith Butler sobre o género e das pesquisas realizadas na área em estudo.

Este capítulo encontra-se organizado em secções, nomeadamente: (i) o perfil sociodemográfico dos homens transgénero; (ii) o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero; (iii) os factores que influenciam a (des)construção do corpo dos homens transgénero; e (iv) os factores que explicam a (des)construção do corpo dos homens transgénero.

4.1. Perfil sociodemográfico dos homens transgénero

Nesta secção, apresentamos o perfil dos homens transgénero, onde destacamos as características importantes para os objectivos deste estudo. No total, foram colectados oito (8) relatos orais, todos de homens transgénero, cujas idades compreendem dos 20 aos 31 anos. Em relação ao local de moradia, seis (6) homens transgénero vivem na Cidade de Maputo e os restantes dois (2) vivem na Província de Maputo.

Abaixo segue a tabela ilustrativa sobre os dados sociodemográficos

Nome do entrevistado	João ¹	Carlos	Sérgio	César	Baltazar	Alberto	José	Joaquim
Idade	20 Anos	21 Anos	23 Anos	24 Anos	26 Anos	28 Anos	31 Anos	31 Anos
Sexo à nascença	Feminio	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino	Feminino
Local de nascimento	Cidade de Maputo	Cidade de Maputo	Pemba	Cidade de Maputo	Província de Maputo	Província de Maputo	Província de Maputo	Cidade de Maputo
Morada	Marra cuene	Vladimir Lenine	Alto-maé	Alto-maé	Nkobe	Liberdade	Alto-maé	Micadj uine
Nível de escolaridade	12 ^a classe	12 ^a classe	Licenciatura em Direito	12 ^a classe	Técnico profissional	Técnico	12 ^a Classe	Técnico
Religião	Cristã (católica)	Cristã (evangélica)	Preferiu não falar a respeito	Cristã (evangélica)	Cristã (evangélica)	Preferiu não falar a respeito	Cristã (católica)	Cristã (evangélica)
Profissão	Nenhuma	Nenhuma	Jurista	Negociante	Agente comunitário	Supervisor de conselheiros	Activista assistente social	Cobrador de chapa
Identidade de Género	Homem trans	Homem trans	Homem trans	Homem trans	Homem trans	Homem trans	Homem trans	Homem trans
Orientação sexual	Homossexual	Homossexual	Heterossexual	Homossexual	Heterossexual	Homossexual	Heterossexual	Homossexual
Atracção sexual	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres	Mulheres

¹ Os nomes usados para identificar os participantes da pesquisa são fictícios.

Em termos de nível académico, todos concluíram o ensino básico, alguns homens transgénero se encontram a estudar, com dois (2) a frequentar o ensino superior e um (1) a fazer mestrado, sendo este o único entrevistado que concluiu o nível superior, fez o curso de Direito na Universidade Católica de Moçambique (UCM). Todos os homens transgénero têm até o nível médio e fizeram alguns cursos técnicos profissionais, caso de três (3) dos oito (8) homens transgénero entrevistados. E dois (2) pararam de estudar, assim, não tendo concluído o curso que frequentavam.

No que diz respeito à profissão, quase todos trabalham como activistas sociais e agentes comunitários na LAMBDA e na TRANSformar, e exercem outras profissões fora do mundo do associativismo nomeadamente: um (1) é negociante; um (1) é agente comunitário na Cruz Vermelha; um (1) é assistente social; um (1) é supervisor de conselheiros; um (1) é cobrador de chapa; um (1) é jurista e assistente de direitos humanos e dois (2), os mais novos, não trabalham.

Relativamente ao sexo de nascença, todos são do sexo feminino e o actual sexo é feminino. No que concerne à orientação sexual, (5) são homossexuais e três (3) heterossexuais. Contudo, em relação à identidade de género, todos se consideram homens transgénero e, referente à atracção sexual, todos sentem-se atraídos por mulheres.

Relativamente à religião, sete (6) professam a fé cristã e dois (2) preferiram não falar a respeito. Este perfil auxiliou-nos a compreender o nosso objecto pois, segundo Tilio (2014), a igreja defende os padrões de conduta social e moral de relação de género num rígido binarismo (macho/homem; fêmea/mulher), enfatizando que as características sociais, psicológicas e subjectivas decorrem de características biológicas/evolutivas, cujas excepções ou desvios só podem ser compreendidos como corrupções do corpo e da moral ou como doenças. Joaquim, (31) anos, disse que era obrigado a ir à igreja na tentativa de expulsar o demónio que o faz identificar-se com o género oposto. Neste âmbito, a fé é um modo de controlo social usado pelas famílias para impedir os homens transgénero de expressar sua identidade de género.

A partir destes dados, constatámos que dois (2) dos homens transgénero vivem maritalmente e um (1) deles é pai de dois filhos, sendo um seu filho e o outro de sua parceira; cinco (5) vivem em famílias chefiadas tanto por homens como por mulheres que apoiam e respeitam as suas identidades; e um (1) vive com a avó, cuja identidade ele prefere ocultar.

No quesito profissão, verificamos que os homens transgénero desempenham diferentes profissões e que o elo em comum que estes têm para além da mesma identidade de género são as actividades sociais que exercem na LAMBDA e na TRANSformar. Relativamente à residência, os entrevistados são residentes de diferentes partes da Cidade e Província de Maputo.

4.2. Processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero

Nesta segunda secção, apresentamos e discutimos os dados referentes ao processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero, desde às suas experiências e trajetórias até à altura em que se assumiram como pessoas transgénero, de modo a compreender como começa esse processo e como é lidar com essa situação.

4.2.1. A descoberta da identidade transgénero

Esta subsecção trata da análise e discussão da descoberta da identidade transgénero como o primeiro momento para a construção da identidade dos nossos entrevistados. Quando questionados sobre a sua identidade, todos os participantes da pesquisa revelaram que a tendência à transgeneridade foi uma descoberta, uma vez que eles não sabiam da mesma, só entendiam que não se identificavam com o sexo biológico feminino.

Os entrevistados informaram que o facto de terem nascido em corpos femininos com os quais não se identificavam resultou numa infância e adolescência conflituosa, pois não entendiam e muito menos sabiam explicar quem eles realmente eram. Porém, a partir da interacção com outras pessoas transgénero, eles começaram a identificar -se como homens transgénero.

Para Joaquim, a construção da identidade do homem transgénero dá-se na infância quando ele sonha em ter um corpo masculino, enquanto, para José, a adolescência marca o início de um período de questionamentos sobre sua identidade, à medida que estranha seu corpo em constante transformação, como podemos ver nos depoimentos ilustrativos abaixo.

“Ahm, primeiro porque a (des)construção se dá ainda na infância, né. Eu, aos 6 ou 7 anos, sempre sonhei em ter um pénis e eu sempre tive amigos, primos ao meu redor que eram do sexo masculino, né, sexualmente biológico, então sempre sonhei em ter um corpo

masculino porque eu nunca me vi como mulher..." (Joaquim, cobrador de chapas, 31anos).

"Como todo o mundo, esse processo, primeiro, você estranha como você é. Quanto mais eu crescia e via as saliências que cresciam no meu corpo, menos me agradava..." (José, activista social, 31 anos).

Com base nos depoimentos, podemos notar que mesmo antes da descoberta da sua transgeneridade, os homens transgénero passam por um momento de questionamento, onde eles estranham a si próprios e têm um sentimento de desconforto em relação a algumas partes dos seus corpos. E é nessa fase que eles entram em crise, pois não conseguem compreender o facto de se identificarem com o sexo masculino, mas terem nascido com o sexo biológico feminino. E estes dados são parcialmente semelhantes aos constatados por Ribeiro (2023) no seu estudo *A Descoberta Da Identidade Do Homem Trans e a Metáfora do Corpo Errado*, ao afirmar que os homens transgénero sentem um desconforto com determinadas partes do corpo e esse desconforto é causado pelo descompasso entre a percepção que "estes" têm de si e o seu género.

À luz do estudo de Judith Butler (2018), é possível constatar que os nossos entrevistados representam uma desilusão da coerência entre o sexo, o género e o corpo, porque o discurso do género é regulatório, pois disciplina a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da sexualidade reprodutora. E podemos observar que essa desilusão faz com que os homens transgénero passem por momentos de conflito, onde eles acabam caindo em depressão devido aos questionamentos que fazem a si próprios por não entenderem a sua transgeneridade. Joaquim afirma ter enfrentado depressão, pois não entendia o descompasso entre a percepção que tinha de si e o seu género, enquanto César relatou que esta desilusão da coerência entre o sexo, o género e o corpo levou a sua mãe à depressão, como podemos observar a seguir:

"Sim, vivi muito tempo em depressão ah, muito tempo em depressão, desde os meus 9 anos até talvez aos meus 25 anos... Recorri a um psicólogo, pois eu já queria saber se o que eu tinha era realmente um problema de saúde mental ou se realmente existia, então eu recorri a secções de psicologia..." (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

"Também levei muito tempo para me assumir porque, primeiro, levou minha mãe à depressão, minha mãe ficou doente..." (César, negociante, 24 anos).

Durante esse período de conflito em que os entrevistados não sabiam quem eles realmente eram, alguns explicam que se entendiam como lésbicas masculinas, como relatam Alberto e José:

"Via-me como lésbica masculina activa..." (Alberto, supervisor de conselheiro, 28 anos)

"Logo que eu voltei, aproximei-me a uma organização que trata desses assuntos LGBT, mesmo assim eu ainda não era trans, era lésbica, considerava-me lésbica masculina..." (Jóse, activista social, 31 anos).

Estes relatos mostram que, em seu passado biográfico, alguns homens transgénero vivenciaram, publicamente, experiências como lésbicas. Porém, Sérgio e Joaquim relataram que, apesar da incompreensão que tinham de si, não se identificavam como lésbicas, outras pessoas é que os identificavam como lésbicas, tal como os depoimentos ilustrativos a seguir indicam:

"O que batia na altura era lésbica activa, lésbica passiva, mas eu nunca me senti uma lésbica porque nunca me senti confortável com o corpo que eu tenho..." (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

"Eu sabia que não gostava que as pessoas me chamassem de lésbica, não me sentia confortável, só não entendia o porquê, mas também não conhecia a parte da transgeneridade..." (Sérgio, jurista, 23 anos).

Podemos assim depreender que, antes e durante o processo da descoberta da transgeneridade, os homens transgénero transitam por várias identificações. Estes dados confirmam parcialmente o que constatou Mugabe (2021) no seu estudo *Mapeando as autoidentificação, a construção das identidades e as subjectividades das 'manas trans' da cidade de Maputo*, quando diz que as "manas trans" transitam por várias identificações durante a vida, onde algumas se auto identificam e outras são identificadas por pessoas com o termo *gays*.

Todos os homens transgênero foram unânimes ao afirmar que a descoberta da transgeneridade resultou da informação e da interacção que estes tiveram com outras pessoas transgênero. Este é o caso de Sérgio e Joaquim, que relataram que a informação e a interacção tida com outras pessoas transgênero fizeram com que se identificassem como homens transgênero, como podemos ler nos depoimentos a seguir.

“Não conhecia a parte da transgeneridade e, em 2019, estive, durante um mês, em contacto com duas pessoas transgênero, uma mulher trans e um homem trans, então, a partir dali, eu soube que ya, era...” (Sérgio, jurista, 23 anos).

“Depois conheci amigos da LAMBDA que já se tinham assumido como pessoas trans, que eram tratadas por “ele” e, eu perguntava ‘por que você é ele enquanto tem corpo feminino?’ então ele foi explicando, e foi aí que eu comecei a assumir-me...” (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

É possível observar que a informação e o facto de os homens transgênero terem tido contacto com outros homens transgênero os ajudou não só a se identificarem como transgênero, mas como também foi fundamental para estes assumirem a sua identidade. Assim sendo, estes dados são semelhantes aos constatados por Mugabe (2021), ao afirmar que alguns sujeitos aprendem a nomear suas identidades sexuais e de géneros ao longo do tempo, de acordo com as fontes de informação que têm disponíveis.

Com base nos depoimentos apresentados acima, percebe-se que a transgeneridade é uma descoberta e que, antes da mesma, os homens transgênero passam por alguns conflitos de identidade, pois alguns não conseguem entender a sua identidade, e outros transitam por várias identificações durante a sua vida. E o momento mais alto desse processo de descoberta é quando os homens transgênero interagem com outras pessoas transgênero semelhantes a eles e, através da informação que recebem, passam a identificar-se como homens transgênero.

Portanto, os dados desse estudo são semelhantes aos constatados por Ribeiro (2023), quando concluiu que, no momento da descoberta da categoria transgênero e antes da afirmação desta identidade, ‘estes’ passam pela constatação de um forte sentimento de masculinidade que é seguido pela convicção de eles serem homens e de assim pretenderem existir e ser reconhecidos. E o modo como vão interpretar esse sentimento e,

portanto, as suas próprias experiências da transmasculinidade, é influenciado pelas informações a que eles têm acesso e que estão disponíveis em seus meios sociais.

Em *Problemas de Género*, Butler (2018) sugere a possibilidade da existência de outros géneros que transcendem o binarismo homem/mulher, idealizando assim que não existe um género fixo e natural e que há uma complexidade de nossos desejos e identificações de género. Para além disso, afirma que o género é uma construção de actos repetidos que criam a ilusão de uma identidade fixa,

Os homens transgénero desta pesquisa constroem seu género a partir do contacto com outras pessoas transgénero que são para "eles" um grupo de referência pois, antes de eles se identificarem como homens transgénero e terem contacto com outras pessoas transgénero, alguns dos nossos entrevistados se consideravam lésbicas, mostrando assim a complexidade de seus desejos e identificações de género.

Apresentamos a seguir o subtema designado abandono da expressão feminina para adopção da expressão masculina.

4.2.2. Abandono da expressão feminina para a adopção da expressão masculina

Quando uma pessoa se afirma mulher transgénero, quase sempre vai à busca de recursos que a tornam cada vez mais feminina, transformando o corpo, os hábitos e as roupas (Serrano, 2017). Nesta subsecção, analisamos e discutimos o abandono da expressão feminina para a adopção da expressão masculina como o segundo momento do processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero.

Os dados revelaram que, após os homens transgénero dessa pesquisa descobrirem a sua transgeneridade e afirmarem-se como homens transgénero, abandonam a sua expressão feminina e procuram cada vez mais adoptar a expressão de género com a qual se identificam, e o fazem através do vestuário e exercícios físicos.

Após a descoberta da sua transgeneridade, José passou definitivamente a vestir calças, assim como Carlos, que apenas em um caso especial se viu de vestido, como podemos observar a seguir:

“Passei a fazer o que eu quero, vestir calças, já que raramente vestia saia...” (Jóse, activista social, 31 anos).

"Eu usava saia e era desconfortável porque é uma peça de roupa na qual eu me sentia totalmente nu, então só tive saia uma vez na minha vida... nunca mais usei saia até hoje, nem saia nem vestido, e os tais vestidos, quando usei, foi no final de 2018 e usei porque era uma ocasião importante, até para casamentos, antes eu ia de calças e paletó..." (Carlos, estudante, 21 anos)

Como é possível notar nos depoimentos, os homens transgénero abandonam a sua expressão feminina através das vestimentas e adoptam a sua expressão masculina através das mesmas. Assim sendo, estes dados são semelhantes aos constatados por Melo (2022), em *Um estudo sobre a moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo*, ao defender que o uso de roupas com o intuito de viver de forma que os faça sentirem-se e possam mostrar aos outros a forma como se identificam é uma das maneiras que as mulheres transgénero "performam" acções e atitudes que a sociedade entende como femininas.

Joaquim e Sérgio abandonaram a sua expressão feminina através das roupas, pois "estes" deixaram de vestir as suas vestes, o comportamento e jeito feminino, como os depoimentos a seguir ilustram:

"Eu acho que para (des)construir...eu acho que (des)construí através das vestes, por questão de condições para fazer tratamento..." (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

"Porque eu sempre tive uma expressão masculina... comecei já a deixar essa expressão feminina, comecei a deixar as roupas femininas, o jeito, o comportamento..." (Sérgio, jurista, 23 anos).

Estes depoimentos mostram-nos que, devido às condições financeiras, os nossos entrevistados começaram o seu processo de (des)construção do corpo a partir das vestimentas. Assim sendo, os homens transgénero usam os cuidados com o vestuário com vista a materializar o género masculino em seus corpos, como sugeriu Mugabe (2021), ao afirmar que as "manas" trans fazem maquiagem, tranças, uso de perucas e ainda articulam muitos signos femininos dispostos culturalmente, referentes aos cuidados estéticos corporais e aos cuidados com o vestuário, com vista a materializar o género feminino em seus corpos.

Enquanto Joaquim usa a ligadura como um mecanismo para esconder os seios, Carlos faz uso do *binder*, um colete para prender o tecido mamário, e José faz uso de *tops* apertados, mas com o mesmo intuito, como podemos observar nos depoimentos ilustrativos a seguir:

“Às veze. Eu punha ligadura desde a infância, na minha infância, aos 15... a partir dos 12 anos, eu via que ihhh ‘essa cena tá sair’ eu levava uma ligadura, tinha uma ligadura em casa, eu amarrava a ligadura...” (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

“Usava mais os tops, estes tops muito apertados...” (José, assistente social, 31 anos.)

“Às vezes uso, e tenho coletes próprios para isso também...” (Carlos, estudante, 21 anos).

Através desses depoimentos, podemos notar que os nossos entrevistados fazem uso do *binder*², de *tops* apertados e da ligadura com o intuito de esconder os seios, os ditos "intrusos". Estes dados coincidem parcialmente com os resultados obtidos por Witmam (2019), em *O corpo nasce de uma identidade: reflexões sobre a construção do corpo em experiência transgênero*, quando defende que a construção do corpo travesti também envolve o uso de testosterona, hormônios e *binder*.

Enquanto Carlos faz uso de hormonas para modificar a voz e alimentar o desejo de ter barba, João fez uso do método contraceptivo DIU que, na concepção do mesmo, o efeito desse método foi responsável pelo estancamento do seu ciclo menstrual, pois, desde então não vê mais o período menstrual, como podemos observar a seguir:

“Já faço uso de hormonas para a modificação da voz, é a primeira coisa que eu notei porque a minha voz já foi mais fina que isto, então, agora estou num processo de uso de hormonas para a modificação da voz e para possível aparecimento de barba ou bigode... é por injeção, eu mando vir as hormonas do brasil e, numa unidade sanitária, tu pedes para um enfermeiro estar a par

² *Binder* - tecido ou acessório, para achatar a região do peito, amenizando a aparência das mamas.

da situação com ajuda de um médico, claramente..." (Carlos, estudante, 21 anos).

"Eu não vejo período, fui estancar usando o método contraceptivo DIU..." (João, estudante, 20 anos).

Podemos assim depreender que os homens transgénero recorrem a esses mecanismos enquanto não aderem às cirurgias de redesignação. Para ter uma estrutura física masculina, os homens transgénero frequentam ginásios, onde, para além de praticarem exercícios físicos, têm o reforço dos suplementos para o ganho de massa muscular.

João faz exercícios físicos, joga e frequenta um ginásio, Carlos, por sua vez, para além de frequentar um ginásio, usa suplementos, como podemos ver a seguir:

"Faço exercícios físicos, sou jogador de futebol e frequento ginásio..." (João, estudante, 20 anos).

"Tem, quer dizer ainda não se nota, mas tem, tem sim, porque além de só ir ao ginásio, nós também usamos suplementos, e é isso que ajuda a definir o nosso corpo, então quanto mais eu me exercitar, mais definida a minha aparência será, e tudo mais..." (Carlos, estudante, 21 anos).

Estes dados são semelhantes aos constatados por Serrano et al (2019), em *Homens trans e atividade física: A construção do corpo masculino*, quando diz que a actividade física é vista pelos homens transgénero como um dos processos de masculinização. Isto é, os homens transgénero fazem uso das actividades físicas em busca de ganho de massa corporal e definição muscular, aspectos que, na vida "deles", remetem a um corpo masculino, reforçando assim a identidade com a qual se identificam.

Com os depoimentos acima, pudemos concluir que os homens transgénero abandonam a sua expressão feminina após descobrirem a sua transgeneridade e que adoptam a expressão masculina a partir das vestes, uma vez que as condições financeiras ainda não podem ajudá-los a (des)construir os seus corpos por intermédio de cirurgias e, por isso, arranjam mecanismos para ter o corpo do género com a qual se identificam.

Segundo Butler (2018) citado por Amaral e Lima (2022), o género é performativo, pois os indivíduos o constroem através de actos repetidos que criam a ilusão de uma identidade

fixa, isto é, os indivíduos não nascem com uma identidade de género predefinida, mas a constroem através de suas acções e performances dentro de contextos sociais e culturais específicos. Para além disso, a autora afirma que a performance diz respeito à acção, agir de determinada forma, expressando o género que apresentamos ao mundo.

Aquando da descoberta da sua transgeneridade, os homens transgénero desta pesquisa adoptam performances que os ajudam a tornarem-se cada vez mais masculinos, pois, ao abandonarem as vestes femininas e aderirem vestes masculinas, e fazendo actividades físicas, os homens transgénero têm estado a expressar o género com o qual se identificam. Ademais, verificamos que a mudança não ocorre apenas na aparência física, mas também na mente dos nossos entrevistados, pois os mesmos nos revelaram que, após a descoberta da sua transgeneridade, o modo de pensar mudou e tiveram de adquirir mais responsabilidade.

Para José, umas das coisas que mudou foi o seu pensamento, pois teve muita informação que era necessária, enquanto César teve de ser mais responsável, como verificamos a seguir:

“No meu pensamento, mais informação, eu acho que mais informação, tive muita informação que era necessária. Lembro de um episódio em que falei que me auto-discriminei por falta de informação, eu dizia ‘nada eu não sou uma pessoa normal, devo ter uma doença que eu não sei qual é, mas psicológica ou o quê’, procurei mais informação, percebi que não era isso...”(José, assistente social, 31 anos).

“Yah, tive de aprender a ser mais responsável, ser responsável com os meus actos. Primeiro porque houve um tempo em que tive de perder a confiança familiar por um tempo... então eu tive de ser responsável, ser mais cauteloso, tentar fazer com que eles compreendam esse meu lado...”(César, negociante de 24 anos).

Estes dados corroboram com Bento (2006) citado por Galli et al (2013), quando afirma que não só os aspectos físicos, mas também as dimensões comportamentais auxiliam na constituição e no posicionamento da identidade de género.

A seguir, apresentamos o último subtema desta secção, designado o sonho da realização da cirurgia.

4.2.3. O sonho da realização da cirurgia

Algumas definições acerca do que é o (a) transexual, em especial a de Harry Benjamim (1966) citado por Gali et al. (2013) incluem a questão da cirurgia de redesignação sexual como um desejo inerente a todos (as) os (as) transexuais. Benjamim vai mais além, colocando esse desejo pela cirurgia como um dos critérios para definir um (a) transsexual (ibidem). É objectivo desta subsecção analisar e discutir o desejo dos homens transgénero de se submeterem à cirurgia de redesignação como o último momento do processo de (des)construção dos seus corpos.

Quando perguntamos aos nossos entrevistados se tencionavam realizar a cirurgia de redesignação, quase todos nos revelaram que sonham ou desejam fazer cirurgias de redesignação, mas devido a factores financeiros, falta de informação e a não realização das mesmas no país, deixam a realização da cirurgia a cargo do futuro.

Joaquim sempre sonhou em ter um pénis, enquanto Sérgio afirma que, se dispusesse de recursos financeiros, faria a cirurgia, como podemos observar nos depoimentos ilustrativos a seguir:

“Eu sempre sonhei em ter um pénis... se eu tivesse dinheiro, eu tiraria tudo e amanhã me iria ver de barba...” (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

“Se eu hoje dispusesse de recursos, faria a harmonização, começaria por essa (des)construção do meu corpo feminino para o meu corpo masculino...” (Sérgio, jurista, 23 anos).

Através desses depoimentos podemos concluir que os homens transgénero desejam passar por procedimentos cirúrgicos, mas aspectos como a falta de recursos financeiros, e informação são o impedimento para a realização desse sonho. Carlos e César alegam que existe uma desinformação acerca das cirurgias e que o facto de elas não serem realizadas no país é um dos motivos de eles ainda não terem feito a cirurgia, como podemos observar a seguir:

"Por falta de muita informação cá em Maputo, eu não sei se há alguma organização ou um projecto onde já fazem esse tipo de cirurgia..." (Carlos, estudante, 21 anos).

"As cirurgias não são realizadas no país, algumas pessoas recorrem à África do Sul, e isso complica..." (César, negociante, 24 anos).

Estes dados são semelhantes ao que constatarem Gali et al. (2013), em *Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes: Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual*, quando verificaram que alguns dos transgénero ainda não realizaram a cirurgia por uma limitação financeira, mas vislumbram a cirurgia como uma meta a ser alcançada, pois a consideram de extrema importância, uma vez que agregaria satisfação e bem-estar psicológico às suas vidas.

Os homens transgénero consideram que o processo de (des)construção do corpo ainda não é completo, pois "eles" não passaram por cirurgias:

"Epah! Transformar, nem está 100% transformado... Não me agrada porque não é completa, eu só posso expressar o meu género através das roupas, não posso expressar o meu género através do meu corpo, porque tenho um corpo feminino então, se eu tivesse essa possibilidade de poder resignar o meu corpo, eu resignaria porque é como eu disse, eu não sou mulher, eu sou homem..." (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

"A minha expressão, porque o corpo ainda não está (des)construído, mas a expressão e o género, isso já..." (Sérgio, jurista, 23 anos).

Com estes depoimentos, podemos entender que os homens transgénero partilham da mesma ideia de Witmam (2019) de que o corpo assume a forma de ferramenta de expressão identitária, o que os faz acreditar que a cirurgia de redesignação sexual é fundamental para o processo de (des)construção do corpo.

Para Butler (2018), a ordem de ser de um dado género produz fracassos necessários, uma variedade de configurações incoerentes que em sua multiplicidade excedem e desafiam a ordem pela qual foram geradas, isto é, não existe uma coerência entre o sexo, género e

corpo. Butler (2003) citado por Gali et al (2013), afasta-se da crença comum de que o sexo, gênero e sexualidade existem em uma relação de correspondência linear. Ao não se enquadrarem com os seus corpos e sexo que lhes foi designado à nascença, alguns dos nossos entrevistados confirmam essa desilusão na coerência entre sexo, gênero e corpo.

Mesmo apresentando essa desilusão entre o sexo, gênero e corpo, Alberto e José não vêem necessidade de passar pela cirurgia de redesignação, como podemos observar nos seus depoimentos:

“Um homem que está perdido num corpo de mulher... não fiz e não pretendo fazer, não não, graças a Deus, não. No início, incomodava, mas eu acabei-me habituando, é meu corpo, eu sou assim e não vou tirar. Talvez é uma coisa que eu costumo dizer, não hei-de tirar por coisas mesquinhas... há quem mesmo não se olha no espelho porque tem seios, mas para mim não faz diferença alguma, não faz...” (Alberto, conselheiro de saúde, 28 anos).

“Eu sou um homem, só nasci num corpo de mulher... e o mais incrível é que não quero tirar, há uma sensibilidade que eu tenho já na hora naquelas partes, eu sou um homem trans que não é necessário fazer a redesignação dos meus órgãos, assim como eu estou, eu aprendi a gostar de mim tal como eu sou...” (José, assistente social, 31 anos).

Com esses depoimentos, podemos notar que o que importa para estes homens transgênero é o sentimento de gênero. Assim sendo, confirma o que Bento (2009) defende em seu estudo *A diferença que faz a diferença: corpo e subjectividade na transexualidade*, que a reivindicação do direito à identidade de gênero masculino, desvinculado da cirurgia mostra uma pluralidade de configurações internas à experiência transexual.

Ainda à luz do estudo de Butler (2018) em relação à sua rejeição à crença da existência de uma coerência entre o sexo, gênero e corpo, nós verificamos que, ao desejarem a cirurgia de redesignação para harmonizar o corpo e a mente, alguns dos nossos entrevistados são adeptos dessa crença que autora rejeita, pois ela dá a ideia da necessidade de uma harmonia entre o corpo e o gênero.

Carlos e Baltazar desejam no futuro passar pela cirurgia de redesignação, como vemos a seguir:

"Prossigirei com as cirurgias e acho que o meu principal alvo em termos de cirurgia é a mastectomia, né, que é a retirada dos "intrusos", os dito seios e, depois, com mais vagar, seguirei para a redesignação de sexo..." (Carlos, estudante, 21 anos).

"Um dia, num futuro próximo, um dia, penso em fazer a transformação..." (Baltazar, agente comunitário, 26 anos).

Estes dados são semelhantes aos constatados por Gali et al. (2013), quando concluiu que a cirurgia é necessária e desejada por todos transexuais e evidenciou que os significados atribuídos à cirurgia são polissémicos e mutáveis.

Podemos aferir que o processo de (des)construção do corpo transgénero descrito e discutido acima não é um processo linear. Os homens transgénero vivenciam esse processo de maneiras diferentes, assim sendo, eles (des)constroem seus corpos de acordo com os seus sentimentos e significados pessoais. Portanto, os dados deste estudo assemelham-se parcialmente aos do estudo de Jacinto (2019), em *Fora do "Cis" tema: Os caminhos da transição de género de homens trans*, quando defende que os processos transexualizadores são vivenciados e significados de maneiras distintas pelos homens transgénero.

A seguir, descrevemos e discutimos o quinto capítulo, que compreende o segundo objectivo da pesquisa, ao qual designamos factores que influenciaram os homens transgénero a (des)construírem seus corpos.

Capítulo 5 - Factores que influenciam para a (des)construção do corpo dos homens transgénero

Nesta secção, apresentamos e discutimos os dados referentes aos factores que influenciam para a (des)construção do corpo dos homens transgénero. Deste tema, pudemos extrair (3) três categorias, nomeadamente: Apoio familiar; Grupos de referência; e a Necessidade de assumir a transgeneridade.

5.1. Apoio Familiar

Nesta subsecção, analisamos e discutimos o apoio da família na vida dos nossos entrevistados como um factor que influencia na construção da identidade dos mesmos. Assim sendo, a partir dos dados, foi possível constatar que os homens transgénero desta pesquisa nascem e crescem em famílias cristãs, e que estas, por sua vez, desempenham um papel fundamental na construção da identidade transgénero dos seus filhos através da aceitação ou negação.

Os nossos entrevistados, por um lado, revelaram ainda que a aceitação por parte dos pais é o que lhes dá suporte para enfrentar o preconceito da sociedade e a assumirem as suas identidades, por outro lado, a negação oprime a identidade dos filhos e acaba atrasando a construção da identidade transgénero dos nossos entrevistados.

Alberto revelou que não teve nenhum conflito com a família e que a aceitação da sua mãe é o que importa, pois a opinião de outras pessoas é nula na sua vida. João, por sua vez, disse que a aceitação da sua identidade de género veio por parte da família da mãe e que a família do seu pai até hoje não aceita, mas respeita, como podemos ver nos depoimentos a seguir:

"Não tive nenhuma barreira, nenhum problema, nenhum constrangimento com a minha família porque já há muito tempo que a minha família me tratava por "querido", que é uma forma que eles usam para me chamar, muito antes de eu me assumir... Para mim, os que importam eram a minha família, falo das pessoas que vivem comigo dentro de casa, as outras pessoas não mudam nada na minha vida, então, se a minha mãe me aceita e me respeita..." (Alberto, conselheiro de saúde, 28 anos).

"Cada um teve a sua reacção. Até hoje, a família do meu pai não aceita, só respeita o que eu sou. A família da minha mãe aceitou de boa, epah, eles tiveram de aceitar porque viram que é o que me fazia feliz, então eles são do princípio que tudo o que me faz feliz terá a aprovação deles, e o apoio da família é tudo que uma pessoa transgénero precisa... quis tirar o útero, mas a minha família não assinou, pois sou menor de idade, né, consoante a República de Moçambique. Minha família acabou optando por eu estancar do que tirar o útero..." (João, estudante, 20 anos.)

Estes dados mostram-nos que o apoio familiar é um suporte para os nossos entrevistados, pois é através desse apoio que eles ganham confiança para enfrentar o preconceito que eles encontraram na sociedade e permite que construam a identidade de género com a qual se identificam. Assim sendo, estes dados coincidem com os dados do estudo de Wacitela (2022), quando verificou que a aceitação por parte dos pais cria um ambiente favorável para que o transgénero viva a sua identidade.

Por outro lado, Baltazar revelou-nos que a relação com a sua família não é fácil, principalmente por ser membro de uma família cisnormativa que considera o binarismo homem/mulher, assim, a sua família tem dificuldade em aceitar a sua identidade de género. Joaquim também enfrenta o mesmo problema, principalmente por vir de uma família chefiada pelo pai, ademais, contou que o seu pai até o levou a uma igreja como um mecanismo de controle, como podemos verificar a seguir:

"Ihh, aos familiares não é fácil, eles costumam dizer ‘ah, nós conhecemos-te mulher’. A minha família reconhece homem como quem tem pénis e reconhece mulher como quem tem vagina, e minha família toda faz parte dessa sociedade cisnormativa, então não é fácil eu dizer ou falar que sou homem, não é fácil, mas estou no processo..." (Baltazar, agente comunitário, 26 anos).

"Eu tenho um pai que sempre dizia “mulher é mulher e homem é homem”, e aquela forma de vestir já não lhe agradava, tipo, estás a levar muito a sério essa forma de vestir, então tentou enquadrar-me, até entrei numa igreja, fiquei lá residente na igreja até por aí sete, oito anos..." (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

Estes depoimentos mostram que a negação por parte dos familiares dos nossos entrevistados em relação as suas identidades de género dá-se pelo facto dessas famílias serem adeptas daquilo que Butler (2018) chamou de discurso político normativo que defende o binarismo homem/mulher ou macho/fêmea. E as famílias dos nossos entrevistados usam a religião como um mecanismo de controlo social (Haerter, s/d), que é como uma série de mecanismos ou instrumentos utilizados pela sociedade, ou por um grupo social, com o objectivo implícito ou explícito de controlar os comportamentos (ou diferentes manifestações destes) e acções diferentes ao seu sistema.

A negação da identidade de género dos nossos entrevistados por parte dos seus familiares e os conflitos que surgiram devido a essa situação levaram os participantes a atrasarem a construção da sua identidade transgénero, e estes tiveram de continuar a encenar, escondendo-se no papel de mulher, o que Goffman (2002) chamou de fachada pessoal. Esta é entendida como a imagem que projectamos para o mundo, cuja observação revela o *status* social, sexo e o tipo de actividade a que o actor se dedica em um determinado momento, são os estímulos e comportamentos que informam sobre os papéis cumpridos em cada situação (ibidem).

César quase desistiu de assumir e viver a sua identidade devido ao abalo que a sua mãe sofreu por causa do seu relacionamento, pois a levou a um estado de depressão, enquanto Joaquim teve de se esconder por causa dos conflitos familiares e, por uma imposição do seu pai, teve de frequentar uma igreja, fazer um exorcismo³ e até visitar um curandeiro, como os depoimentos a seguir ilustram:

“Era constrangedor porque eu tinha de assumir esse meu lado por causa das crenças. Eu sou uma pessoa criada num seio familiar crente e religioso... Houve um tempo em que tive de perder a confiança familiar por um tempo, a princípio minha mãe já se distanciava de mim, ficou um bocado abalada, e eu até pensei em desistir, mas não desisti, tive de prosseguir e ela acabou aceitando...” (César, negociante de 24 anos).

³ Exorcismo - ritual para afastar o demónio ou os espíritos malignos

“Por causa da questão familiar, eu tive de me esconder para não trazer aquela coisa de epah, você é o demónio de casa, porque ‘é mau espírito’ e tudo mais, então eu era obrigado a ir à igreja, a fazer jejuns para tentar tirar aquela coisa que todo mundo já havia dito aí, como falam os dogmas religiosos... Meu pai até contactou um curandeiro para tirar o espírito que ele via, o demónio, ihhh, então, para ele me aceitar. Até hoje, ele continua a tentar aceitar-me...” (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

Com base nesses depoimentos pudemos depreender que, apesar dos conflitos familiares que os nossos entrevistados enfrentam, eles não desistiram de vivenciar as suas identidades, pelo contrário, enfrentaram os seus familiares. Ademais, também verificámos que os pais dos homens transgénero desta pesquisa acabam recorrendo a rituais para processos de “cura” da transgeneridade, no entanto, esses rituais terminam em fracasso. Portanto, esses dados são semelhantes aos constatados por Mugabe (2021), que verificou que, em alguns contextos moçambicanos, existe uma percepção de que pessoas homossexuais e pessoas transgénero são possuídas por espíritos e que ao serem submetidas aos trabalhos ritualísticos dos curandeiros e das igrejas podem ser curadas, observou ainda que essas práticas ritualísticas de curas, tanto nos curandeiros como nas igrejas resultam em fracasso e que é comum que, com o tempo, os parentes se conformem com a sua identidade de género.

Na mesma linha de ideias, os dados desta pesquisa acrescentaram que, para além de serem feitas por curandeiros e nas igrejas, as práticas ritualísticas de cura também são feitas no hospital com ajuda de um psicólogo, como um dos nossos participantes revelou, ao dizer que a família o levou ao psicólogo quando ele decidiu assumir-se, como é ilustrado a seguir:

"A família do meu pai até me quis levar ao psicólogo pelo facto de eu me ter assumido. Levaram-me ao psicólogo, e a psicóloga disse ‘epah, é assim mesmo, vossa filha é assim, então vocês têm de aceitar e respeitar’, eles não aceitaram o que a psicóloga disse e ameaçaram colocar-me num internato e coisas do género, para verem se eu mudava...” (João, estudante, 20 anos).

Segundo Butler (2018), o género é construído socialmente através de um discurso heteronormativo, que busca impor uma única identidade de género associada à heterossexualidade. Ao negarem as identidades de género mais fluidas e complexas, as famílias dos nossos entrevistados tornam-se numa instituição reguladora desse discurso heteronormativo, enquanto as famílias que aceitam a transgeneridade dos nossos entrevistados tornam-se numa instituição que dá suporte aos nossos entrevistados para vivenciarem suas identidades, e é assim que eles subvertem esse discurso heteronormativo.

A seguir, discutimos e analisamos como os grupos de referência influenciaram no processo de (des)construção do corpo dos nossos entrevistados.

5.2. Grupo de referência

Segundo Bearden e Etzel (1982) citados por Lanfrendi (2010, p.184), grupo de referência é “uma pessoa ou grupo de pessoas que influenciam significativamente o comportamento de um indivíduo. É objectivo desta subsecção, apresentar e discutir a influência dos grupos de referência no processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero.

Os dados revelaram-nos que a interacção com outras pessoas transgénero influenciou os nossos entrevistados a assumirem e construírem suas identidades, pois foi partindo do contacto com “eles” que os nossos participantes se identificaram como homens transgénero. Assim sendo, pudemos observar que as pessoas transgénero com as quais os nossos entrevistados interagem são vistas, por eles, como um grupo de referência.

Enquanto Sérgio começou a identificar-se como transgénero quando passou a conviver com pessoas transgénero, Joaquim decidiu reassumir-se como transgénero quando conheceu amigos da LAMBDA já assumidos e a vivenciarem suas identidades de género, tal como os depoimentos a seguir ilustram:

"Quando passei a conviver com pessoas transgénero, comecei a perceber como elas eram, eu também comecei a identificar-me com isso..." (Sérgio, jurista, 23 anos).

"Conheci amigos da LAMBDA que já se tinham assumido como pessoas trans, que estavam a ser tratados por 'ele', e eu perguntava 'por que você é ele enquanto tem corpo feminino?', então ele foi

explicando, e foi aí que eu comecei a reassumir este meu corpo... as pessoas é que também fizeram o seu papel, como eu disse, conheci alguém que me acabou retardando, quando você está dentro de quatro paredes, você não tem informação e você pensa que é a única pessoa que vive aquilo..." (Joaquim, cobrador de chapa, 31 anos).

Com os depoimentos ilustrados acima, podemos depreender que os nossos entrevistados constroem suas identidades através da influência de outras pessoas transgênero que são para “estes” um grupo de referência, pois é através da interação com o grupo de referência que eles passam a reconhecer-se e identificar-se como homens transgênero. Assim sendo, estes dados concordam com Kaplan e Miller (1987) citado por Matos (s/d), quando afirmam que os grupos de referência influenciam por meio da influência informativa que ocorre quando o grupo de referência transmite uma informação útil para o consumidor, assim o indivíduo aumenta o conhecimento sobre determinado assunto.

Com base no estudo de Butler (2018), o ‘eu’ do gênero permanente é estruturado por actos repetidos que buscam aproximar o ideal de uma base substancial da identidade. É precisamente nas relações arbitrárias entre esses actos que se encontra a possibilidade de transformação do gênero (ibidem). Pudemos assim depreender que é através das relações arbitrárias que os nossos entrevistados têm com os seus grupos de referência que “eles” se reconhecem como pessoas transgênero e decidem assumir e vivenciar suas identidades, pois contam com o apoio desses grupos.

À semelhança do estudo de Wacitela (2022) que defende que os grupos sociais, quer de pertença, quer de referência desempenham um papel fundamental na constituição do sujeito, é no seu grupo onde o sujeito busca os elementos que servirão de base para estabelecer as suas relações sociais (ibidem). Os dados desta pesquisa demonstram também que é depois da interação com os grupos de referência que os homens transgênero se envolvem em movimentos sociais (LAMBDA e TRANSformar).

A seguir, analisamos e discutimos a necessidade de assumir a transgeneridade como um factor que influencia o processo de (des)construção do corpo dos homens transgênero.

5.3. Necessidade de assumir a transgeneridade

Uma das maiores dificuldades de uma pessoa transgénero é assumir sua real identidade dentro de uma sociedade capitalista como a que vivemos, pois sair desse contexto pode ser doloroso não só para o corpo, mas também para a vivência desse indivíduo (Homrich, 2019, citado por Negrini et al, s/d) É objectivo desta subsecção, analisar e discutir a necessidade dos homens transgénero assumirem a sua transgeneridade como um factor que influencia o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero.

Os dados da pesquisa mostraram que, face ao desejo subjectivo de se assumirem, por não terem nada a perder, os homens transgénero vivenciam suas identidades no momento em que se sentem bem e confiantes em si mesmos.

Para Alberto, a necessidade de assumir a sua identidade de género foi influenciada pelo desejo subjectivo de vivenciá-la, enquanto para João, foi a vontade de alcançar uma meta subjectiva:

"Eu mesmo, percebes? Porque é o que me identifica, aquilo que falei no início, eu não posso fazer nada para agradar uma pessoa além de mim. Primeiro eu, depois é que te vou agradar..." (Alberto, supervisor de conselheiros, 20 anos).

"Digo que fui eu mesmo que me influenciei para tal porque era uma meta que eu queria chegar. Antes de sofrer essa transformação, eu havia colocado como uma meta para mim... A pior parte de ser trans é sair da gaveta, assumir-se, nesse caso, essa é a pior parte, depois te tu te assumires, ficas à vontade. Chegou um momento em que eu me senti bem e decidi sair do armário, foi por isso, só que algumas pessoas saem do armário quando já estão bem financeiramente e tal, mas o meu caso foi diferente, eu até conversava com muita gente a dizer o que eu era e tal, alguns me encorajavam a sair do armário e outros não. Só que não adianta tu ouvires opiniões das pessoas, faça isso quando tu te sentires bem, eu senti-me bem e tomei a decisão de sair do armário..." (João, estudante, 20 anos).

Segundo alguns dos nossos entrevistados, a necessidade de se assumir é aparentemente subjectiva, sem nenhuma relação com os factores externos, pois, diferente do que afirmou Ramalho (2019), em *Viver Travesti: Trajectórias de vida, prostituição e vulnerabilidade social*, assumir publicamente a orientação sexual ou identidade de género não depende unicamente de uma decisão pessoal mas, sobretudo, dos contextos sociais, culturais, familiares, religiosos e económicos em que se encontram inseridas. Os homens transgénero desta pesquisa vivenciam publicamente as suas identidades de género quando se sentem bem consigo mesmos e preparados para o fazer.

Por outro lado. Carlos revelou que a decisão de assumir e transformar-se foi movida pelo simples facto de se ter descoberto como homem transgénero, enquanto para José, essa decisão deu-se por “ele” não ter nada a perder, uma vez que era órfão de pai e mãe e, assim sendo, não teria a quem decepcionar, como podemos verificar nos depoimentos ilustrativos a seguir:

"Tudo, o simples facto de eu me ter descoberto como homem transgénero já foi um motivo para eu começar a transformar isso em mim, porque um homem trans é uma pessoa biologicamente feminina que tem a necessidade de transformar não só a sua identidade, mas também o seu físico todo para aquilo com que se identifica..." (Carlos, estudante, 21 anos).

"O que me influenciou é não ter nada a perder, porque eu sou órfão de pai e mãe. Eu via que os outros se importavam com os pais, eu só tenho meus avós, meus avós e eu entendemo-nos. Não tenho porque me sacrificar, eu não tenho nada a perder, só vou decepcionar meus avós, não tenho de decepcionar os meus pais porque não estão aqui, não tenho de decepcionar meus irmãos porque sou filho único, então epah, deixa lá viver o que eu quero viver..." (José, assistente social, 31 anos).

Pudemos assim verificar que a necessidade de se assumir, viver sua identidade de género e transformar seus corpos não é apenas subjectiva, pois envolve também factores externos como a descoberta da transgeneridade que se dá através da interacção com outras pessoas transgénero. Assim sendo, esses dados corroboram com o estudo de Wacitela (2022),

quando verificou que a necessidade de se revelar é aparentemente subjectiva, porém, é preciso considerar que existem elementos objectivos em torno desse sentimento.

Butler (2018) afirma que a matriz cultural por meio da qual a identidade de género se torna inteligível exige que certos tipos de “identidade” não possam “existir” isto é, aqueles que o género não decorre do sexo e aqueles em que as práticas do desejo não “decorrem” nem do “sexo” nem do “género”. Pudemos assim depreender que a necessidade dos nossos entrevistados de assumir e viver a sua identidade de género é um desejo de subverter essa matriz cultural e mostrar que podem sim “existir” outros tipos de identidades para além do binarismo imposto por ela.

À semelhança do estudo de Wacitela (2022), onde demonstrou que o ser transgénero é determinado por sentimentos objectivos para além do desejo subjectivo, os dados desta pesquisa acrescentaram que a construção do corpo dos homens transgénero é determinada, sobretudo, pela necessidade subjectiva dos nossos entrevistados expressarem e vivenciarem a sua identidade de género.

Capítulo 6 - Factores que explicam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero

Nesta secção, analisamos e discutimos os factores que explicam a (des)construção do corpo dos homens transgénero. Deste tema, pudemos extrair duas (2) categorias nomeadamente; liberdade para vivenciar a identidade e a harmonização do corpo, mente e género.

6.1. Liberdade para vivenciar a identidade

Nesta subsecção, analisamos e discutimos o desejo dos homens transgénero de vivenciar a sua identidade de forma livre como uma explicação por detrás do processo de (des)construção dos seus corpos. Assim sendo, os dados revelaram que, em alguma fase de suas vidas, os homens transgénero desta pesquisa são alcançados pela vontade de serem livres, por não mais aguentarem o sofrimento de terem de esconder a identidade de género com o qual se identificam.

Para os nossos entrevistados, é complicado habitar um corpo com o qual não se identificam. Assim, para os homens transgénero desta pesquisa, transformar o corpo significa passar a ser homem no pensamento e no corpo, tirar os seus sonhos de ser homem dos planos para a realidade.

Baltazar revelou que a explicação por ele querer transformar seu corpo é a vontade de ser livre, enquanto João se sentiu livre com a transformação, pois pôde assumir-se e ser livre, como podemos observar nos depoimentos a seguir.

"A vontade de ser livre, tipo, sabe, viver escondido é complicado, a vontade de ser livre ou expressar-me sem medo..." (Baltazar, agente comunitário, 26 anos).

"Senti-me livre porque, antes de me assumir, eu sentia que estava trancado por não mostrar a minha realidade, por não mostrar o que eu era, então, quando me assumi, senti-me livre, à vontade, confortável..." (João, estudante, 20 anos).

Com base nos depoimentos anteriores, podemos observar que o desejo de viver livre dá-se quando os nossos entrevistados já não conseguem esconder a sua identidade e viver preso num corpo que eles não reconhecem. Este desejo de viver livre dá-se na juventude, quando os homens transgénero decidem transformar seus corpos. Esta visão difere da defendida por Masiero (2017) que, na sua obra *Um estudo antropológico sobre a trajetória de uma mulher*

transgénero lésbica em Barcelona, defendeu que o desejo de liberdade se dá na velhice, depois de as pessoas transgénero trabalharem e construírem sua família, podendo agora ser quem eles (as) querem ser.

Na mesma linha de ideias, Joaquim e Carlos revelaram que, através da transformação do corpo, “eles” puderam libertar-se do sofrimento que carregavam quando habitavam em um corpo com que não se identificam. Joaquim transformou seu corpo porque era aquilo que sentia e assim ele pode viver e sentir-se livre, enquanto para Carlos, ter o corpo transformado é a “tal da realização pessoal”, pois poderá estar à vontade para viver a liberdade de poder tirar a t-shirt.

"Ya, o meu bem-estar, a minha saúde mental, eh aquilo que eu sou. Sabe, você não pode viver escondida ou escondido por muito tempo, você vai morrer asfixiado, eh, então quando você se assume você já tem evidências de que vai sofrer homofobia, então, para mim, assumir-me, acho que foi um alívio, foi tirar uma pedra das costas, porque é aquilo que eu sou, ya não tem como fugir, botar totós, fazer tranças, então, decido viver aquilo que o meu corpo está a dizer, foi um livramento, uma liberdade, uma paz, foi um respirar um ar puro né, e liberdade tipo ya., agora eu posso fazer o que bem entender, ya com o meu corpo..." (Joaquim, cobrador de chapa, 21 anos).

"Transformar o meu corpo é a tal da realização, a tal realização pessoal de eu poder ir à praia, tirar a t-shirt, estar à vontade e não ter de usar taques para tapar os intrusos..." (Carlos, estudante, 21 anos).

Através dos depoimentos acima ilustrados, podemos observar que o desejo de viver livre é uma força motivadora para muitos homens transgénero decidirem transformar seus corpos e assumir suas identidades, mesmo cientes do preconceito que sofrerão por parte da sociedade. Os homens transgénero enfrentam tudo só para poderem ter a liberdade de vivenciarem suas identidades. Assim sendo, estes dados corroboram parcialmente com os dados constatados por Wacitela (2022), quando verificou que, para algumas pessoas transgénero, o abandono do lar parece ser uma escolha razoável, a fim de terem a liberdade de vivenciar suas identidades e constituírem-se como sujeito de suas vidas.

À luz do estudo de Butler (2018), o género é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma repetição estilizada de actos. O efeito do género produz-se pela estilização do corpo e deve ser entendido, consequentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um ‘eu’ permanente marcado pelo género (ibidem). Seguindo essa linha de ideia, podemos afirmar que, quando os homens transgénero decidem transformar seus corpos devido ao sentimento de sofrimento por carregar um corpo com o qual não se identificam, ‘eles’ não estão apenas caminhando rumo à liberdade, mas também estão construindo uma identidade de género através da repetição estilizada de actos como o uso de hormonas, *binder* e a prática de exercícios físicos

O estudo de Masiero (2017) é consistente com os dados desta pesquisa ao demonstrar que habitar um corpo socionormativo com o qual não se identificam causa sofrimento e, através da transformação do corpo binário para uma forma andrógina ou de terceiro sexo, as (os) transexuais libertam-se do sofrimento que carregam quando habitam em um corpo com o qual não se identificam, e essa fase libertadora dá-se na velhice. Ademais, os dados dessa pesquisa acrescentaram que essa fase ou etapa libertadora dá-se também na juventude, o que vai de acordo com os nossos dados, uma vez que os nossos entrevistados são maioritariamente jovens e já sentem necessidade de viver livre as suas identidades de género.

A seguir discutimos e analisamos a harmonização do corpo, mente e o género como razão do desejo pela cirurgia de redesignação.

6.2. Harmonização do corpo, mente e o género

A procura pela cirurgia por parte dos transexuais está circunscrita pelo discurso heteronormativo (Gali et al, 2013). Tal discurso traz consigo a ideia de que estar transitando entre os géneros é algo “não natural ” e, portanto, que não pode ser aceite, o que incentivaria às transexuais a considerarem a cirurgia como uma forma de legitimar esse discurso de género, fazendo com que o corpo se adeque à norma (ibidem). É objectivo desta subsecção, analisar e discutir a necessidade dos nossos entrevistados de harmonizar seus corpos e suas mentes com o género com o qual se identificam como razão do desejo pela cirurgia de redesignação.

Quando questionamos os homens transgénero dessa pesquisa sobre os motivos que os levam a (des)construirmos seus corpos, os mesmos revelaram que a necessidade pela cirurgia é

explicada pelo facto “destes” quererem harmonizar o corpo com a mente para poderem sentir-se melhor e condizer com o género com o qual se identificam, confirmando assim o ‘ser homem’.

Sérgio afirmou que não tem uma disforia do corpo, mas caso tenha recursos financeiros, fará a cirurgia para adequar a sua mente com a própria expressão e também porque ele segue o padrão imposto pela sociedade do que é ser homem. Enquanto para Carlos, a procura pela cirurgia é explicada pelo facto de querer confirmar e ser reconhecido como homem pela sociedade e distanciar-se de qualquer semelhança com as lésbicas masculinas, como podemos observar nos depoimentos a seguir:

"Porquê! É mesmo para, bom, para mim, não diria que tenho uma certa disforia. Disforia é quando tu não aceitas o teu corpo. Mas se eu dispusesse de recursos, faria a harmonização, por quê? Para me sentir melhor comigo mesmo, também para condizer com aquilo que é o meu género. Outra razão é o sentimento de pertença quando tentas adequar aquela que é a tua mente a tua própria expressão,... ya, também existem padrões que são colocados, de como um homem deve ser, uma mulher...então, se eu quero, eu afirmo-me como sendo homem, tenho de seguir os padrões de homens,.." (Sérgio, jurista de 23 anos).

"A confirmação é exactamente para isso, pois, a partir do momento em que tu consegues fazer a mastectomia, que é a retirada dos teus seios, e a redesignação de sexo, já confirma. Olhas para ti e sentes-te realizado... porque muita gente se veste de forma masculina, uns é por estilo, mas muita gente já rotulou que toda gente que se veste de forma masculina, meninas, principalmente, são lésbicas. É um rótulo que deve ser quebrado, porque não é um padrão, uns é por estilo, uns é porque realmente são lésbicas masculinas e outros porque simplesmente são trans, então, quanto mais transformação tu tiveres, mais confirmação tu tens..." (Carlos, estudante, 21 anos).

Com base nos depoimentos ilustrados acima, podemos observar que os nossos entrevistados pretendem, no futuro, submeter-se a cirurgias para poderem harmonizar os seus corpos com suas mentes e o género com o qual eles se identificam. E também porque querem enquadrar-se no padrão sicionormativo do que é ser homem, para serem entendidos e reconhecidos como tal.

Estes dados concorrem com os dados do estudo de Bento (2009), quando verificou que os homens transgênero procuram a cirurgia por reconhecimento na vida social, e com os de Jacinto (2019), quando observou que os homens transgênero transitam de gênero para que sejam aceites ou se encaixem na sociedade como homens.

Com base no estudo de Butler (2018), que afirma que o gênero é uma performance produzida e imposta pelas práticas reguladoras da coerência do gênero, pudemos observar que os homens transgênero desta pesquisa procuram a cirurgia para criar uma coerência entre o corpo, mente e gênero porque lhes foi imposto este padrão socionormativo de que deve existir uma harmonia entre o corpo e a mente, e, ao procurarem pela cirurgia, eles não só estão em busca de reconhecimento, mas também estão a validar e a reproduzir esse discurso regulador.

Alguns estudos são consistentes com os dados desta pesquisa, tal como são os casos de Gali et al. (2013) e Masiero (2017), ao demonstrarem que a explicação da procura pela cirurgia por parte dos transexuais é para a harmonização do corpo com a mente e legitimação do discurso heteronormativo. Na mesma linha de ideias, os dados desta pesquisa acrescentaram que o desejo pela cirurgia por parte dos homens transgênero é explicado também pelo sentimento de pertença à categoria homem e o de distanciamento da semelhança com as lésbicas masculinas.

Os dados da pesquisa demonstram que os homens transgênero procuram a cirurgia para enquadrar o corpo com a mente, uma vez que a sociedade reconhece as identidades que apresentam uma coerência entre o corpo e a mente. Assim sendo, para evitarem que a sociedade os confunda com lésbicas masculinas, os homens transgênero precisam não apenas se identificar como homens, mas também adoptar comportamentos e características masculinas.

Capítulo 7 - Considerações Finais

Neste trabalho, apresentamos e discutimos a transgeneridade masculina, concretamente sobre factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo. Usando uma abordagem qualitativa e o estudo de género de Judith Butler como base, colectamos relatos orais de oito (8) homens transgénero. Ao analisar as histórias de vida e as narrativas dos participantes, buscamos compreender os significados, motivações e aspirações que moldam suas identidades de género, desnaturalizando a categoria de género e evidenciando o seu carácter performativo

Com base na pesquisa, foi possível construir a hipótese segundo a qual os homens transgénero (des)constróem seus corpos influenciados, sobretudo, por factores subjectivos como a busca por inserção na vida social e a necessidade de entrada na categoria homem.

As conclusões dos resultados permitiram-nos aferir, que, primeiro a (des)construção do corpo transgénero é um processo multifacetado, pois parte da descoberta da identidade transgénero, seguida do abandono da expressão feminina, para a adopção da expressão masculina e o sonho da realização da cirurgia. Apesar de seguirem essa sequência, os homens transgénero vivenciam esse processo de maneiras diferentes, pois eles (des)constróem seus corpos de acordo com os seus sentimentos e significados pessoais. Essa constatação é semelhante a de Jacinto (2019), que concluiu que os processos transexualizadores são vivenciados e significados de maneiras distintas pelos homens transgénero.

Em relação aos factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo do homem transgénero acima mencionado, os dados da pesquisa identificaram o apoio familiar, os grupos de referência e a necessidade de assumir a transgeneridade.

No que diz respeito ao apoio familiar, concluímos também que os homens transgénero nascem e crescem em famílias cristãs e que este factor desempenha um papel fundamental na construção da identidade transgénero dos nossos participantes, pois, por um lado, a aceitação por parte dos pais dos homens transgénero dá suporte para os mesmos enfrentarem o preconceito da sociedade, enquanto, por outro lado, a negação oprime e atrasa a construção da identidade transgénero dos nossos participantes, tal

como também concluiu Wacitela (2022), ao afirmar que a aceitação por parte dos pais cria um ambiente favorável para que o sujeito transgénero viva a sua transgeneridade.

No que concerne ao grupo de referência que influencia o processo de (des)construção do corpo, os dados indicaram que a interacção com outras pessoas transgénero influenciou os nossos participantes a assumirem e construírem suas identidades, pois é no seu grupo onde o sujeito busca elementos que servem de base para estabelecer as suas relações sociais.

Ainda sobre os factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo, os dados da pesquisa mostraram que a necessidade de assumir a transgeneridade desempenha um papel significativo, uma vez que os nossos entrevistados são movidos por um grande sentimento subjectivo de assumir e vivenciar a sua transgeneridade.

Por fim, podemos concluir que, referente aos factores que explicam esse processo, dois destacam-se: a liberdade para vivenciar a identidade e a harmonização do corpo, mente e o género. Sendo o primeiro justificado pelo esgotamento dos homens transgénero dessa pesquisa em viver num corpo com o qual não se identificam e assim serem alcançados pelo desejo de vivenciar a sua identidade e corpo de forma livre. Também observado por Masiero (2017), quando afirma que habitar num corpo sicionormativo com o qual não se identificam causa sofrimento aos transexuais e que, na velhice, ‘estes’, através da transformação do corpo binário, vivem a fase libertadora.

A partir do estudo de Butler (2018), segundo a qual o género é uma performance produzida e imposta pelas práticas reguladoras da coerência do género, notamos que os participantes procuram a cirurgia para criar uma coerência entre o corpo, mente e género, porque lhes foi imposto este padrão sicionormativo de que deve existir uma harmonia entre o corpo, a mente e o género. Concluímos também que a busca pela cirurgia por parte dos homens transgénero é influenciada pela busca de reconhecimento social, confirmando assim a hipótese que norteou a presente pesquisa.

No entanto, esta pesquisa não esgota as abordagens sobre a transgeneridade masculina. Contudo, acreditamos que foram apresentados dados importantes para uma inicial compreensão desta realidade social e que possam inspirar pesquisas futuras, ampliando desse modo, a produção de pesquisas e concepção da transgeneridade masculina como análise em Moçambique. Assim sendo, sugerimos que os próximos estudos explorem a construção da identidade dos homens transgénero e as dinâmicas usadas por esse grupo

para poderem vivenciar suas identidades. E estes estudos podem ser orientados sob a perspectiva teórica de Stuart Hall, sobre a identidade cultural na pós-modernidade.

Referências bibliográficas

- Aboim S, & Vasconcelos, P. (2022). "O lugar do Corpo .Masculinidades Trans e a matéria liberdade corporal do gênero". Lisboa: *Revista Estudos Feministas*. n,30 p3e812
- Aguilar, M. A., & Gonçalves, J. P. (Jan-jun, 2017). "Conhecendo a Perspectiva Pós - Estruturalista: Breve Percurso De Sua História E Propostas". Nova Hamburgo: *Conhecimento Online*, V1.
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo*. (L, Reto & A, Pinheiro). São Paulo: Edições
- Bento, B. (2009). "A Diferença que Faz a Diferença: Corpo e Subjectividade na Transexualidade." *Bagoas*. n4, p95-112. s/l.
- Bockormi, B. R. S, & Gomes, A.F.(Jan-jun, 2021) "A amostragemem snowball (bola de neve) em uma pesquisa qualitativa no campo da administração". *Revista de Ciências Empresariais da UNIPAR*, Umuarama,v.22.n.1,p.105-117.
- Butler, J. (2018). *Problemas de Género: Feminismo e Subversão da Identidade* (R. Aguilar, Trad). Civilização Brasileira. Rio de janeiro.16ed.
- Casali, J. P., & Gonçalves, J. P. (Out-2018). "Pós -Estruturalismo: Algumas Considerações Sobre Esse Movimento do Pensamento". São Paulo. *Revista Espaço de Diálogo e Desconexão*. v.10, n.2
- Colonna, E. (2012). "*Eu é que fico com a minha irmã*" : *Vida Quotidiana das crianças na periferia de Maputo*. [Tese de Doutorado em Estudos da Criança Especialidade em Sociologia da infância. Universidade de Minho]. Repositório.
- Ferreira, M. S. (2019). *(Des) Construção do Eu: Uma Análise Interpretativa do Consumo Limiar de Mulheres Transexuais*.(Dissertação) Universidade Federal Rural: Rio de Janeiro.
- Gil, A. C. (2003). *Métodos e Técnicas de Pesquisas Social*. (6.ed). São Paulo: atlas
- Goffmam, E. (2002). *A representação do Eu na vida cotidiana*(10ed) (Trad. Raposo) Petrópolis:editora vozes..
- Haerter, L. (s/d). "O conceito de controle social nos olhares estruturalista, funcionalista, fenomenológico e internacionalista". *Cadernos campos*: Brasil.

Homrich, L. N. (Jan-Jun, 2019) “Transgeneridade: Reflexões sobre a construção do corpo e da alma na sociedade”. *Entremeios*: Rio de Janeiro. ed15,v.1

Jacinto, S. S. (2019). “Fora do “Cis” Tema: Os Caminhos da Transição de Género de Homens Trans”. *Revista electrónica dos discentes da Escola de Sociologia e Polític*: São Paulo,V1, n12.p16-31.

Jesus, J. G. (2012). *Orientações sobre a identidade de género: Conceitos e Termos*.(2ed) Brasília.

Lakatos, E. M & Marconi, M. A. (2003). *Fundamentos De Metodologia Científica*. (5ed). São Paulo: Atlas

Lanfredi, C. (2010). *A influência dos grupos de referência no comportamento de reclamação do consumidor á empresa*.(Programa de pós -graduação em administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul): Porto Alegre.

Le Breton, D. (2007). *A Sociologia do corpo*. (Trad. Fuhrmam). Petrópolis,Rio de Janeiro: Vozes.

Lima, M. S. B & Morreira, E. V. (Ago-Dez, 2015). “A pesquisa qualitativa em geografia.” *Caderno prudentino de geografia*. Brasil. v, 2. n.3, p.27-55.

Masiero, L. M. (2017). “Um Estudo Antropológico Sobre a Trajetória de Uma Mulher Transgénero Lésbica Em Barcelona.” *Revista Ártemis*: Florianópolis. v.24, n.1. p.92-107.

Matos, S. M. (s/d) *Grupos de Referência Como Factor De Influência na Escolha de Uma Instituição De Ensino Superior*. VIII simpósio de excelência em gestão e tecnologia. s/l.

Melo, N. C. D. (2022). “*Nasci em um corpo errado “: Um estudo sobre a moda como estratégia de expressão de identidade das mulheres trans na Cidade de Maputo*. [Monografia, UEM] Repositório.

Minayo, M & Souza, C. (2001). *Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes.

Montagner, M. A. (2006). “Pierre Bourdieu, o corpo e a saúde: Algumas Possibilidades Teóricas”.*Ciência & Saúde Colectiva*: Campinas, São Paulo: , v.11. n, 2. p. 515- 526

Mugabe, N. A. (2021). “Mapeando as auto identificações, a construção das identidades e as subjetividades das "manas trans" na cidade de Maputo.” *Anuário antropológico: Brasília* 46 (2), 171-197.

Negreni, D. P., Silva, E. D., Alves, W., Silva, P., & Pedrini, M.. D. (s/d). “A vivência psicossocial de pessoas transgênero a partir de relatos.” *Acadêmicas do curso de Psicologia: Vila Velha*.

Galli, R; Vieira, E, M., & Giami, A.(Out-Dez2013).”Corpos Mutantes, Mulheres Intrigantes: Transexualidade e Cirurgia de Redesignação Sexual.”.*Psicologia:Teoria e Pesquisa: São Paulo*. v.29,n.4, p.447-457

Pelúcio, L. (2005). *Toda quebrada na plástica: corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas*. Paraná

Ramalho, N. A. (2019). “*Virar Travesti*”: *Trajectórias de Vida a, Prostituição e Vulnerabilidade Social*. [Tese de Doutorado, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório.

Recuero, R. (2009). *Redes sociais na internet*. Editora meridional. Porto Alegre: Sulina

Rego, F.C.V.S. (2015). *Viver e Esperar Viver: Corpo e Identidade na Transição de Género de Homens Trans*. [Dissertação ao programa de pós -graduação, Universidade Rio Grande do Norte]. Repositório.

Ribeiro, A. F. (2023). “A Descoberta da Identidade de Homem Trans e a Metáfora do Corpo Errado.” *Revista Ártemis: Florianópolis*. v.35, n.1, p.94-113

Richardson, R. J. (2012). *Pesquisa Social: Métodos e Técnicas*. (3.Ed.). São Paulo: Atlas

Serrano, J., Caminha, I. , & Gomes, I.(Mar-2019).” Homens Trans e Atividade Física: A construção do corpo masculino.” *Revista de Educação Física da IFaRGS: Porto Alegre*.v25.

Serrano, J. L. (2017). *Práticas Corporais e Transexualidade: estudo de homens e mulheres trans*. [Dissertação, UFPB] Repositório.

Scott, J. (1989). *Gênero: Uma Categoria Útil Para Análise Histórica*.(C.R, Dabat & M.B, Ávila, trad). New York.

Schwinn, T. (Jan-Jun, 2021). "As teorias da ação e dos sistemas podem ser associadas? Pressupostos da teoria os sistemas de Parsons e Lehmann e da teoria da Ação de Weber." Em Tese: *Florianópolis*, v. 18, n.1. p.103-126

Soares, M. , Morreira. C., & Nogueira, C.(2021)."(Des) Construção de Masculinidade de Homens Trans entre Portugal e Brasil." Porto, Portugal.n,43,pp-113-129.

Souza, H. F. A & Silva, A. L. J. R (2017). "Acesso a justiça de pessoas travestis e transgêneras: Obstáculos processuais ao reconhecimento legal de nome e gênero no Estado de Pernambuco." *Revista InSURgência*: Brasília. , v, 3. n.1

Teixeira, E. B. (2003). "A análise de Dados na Pesquisa Científica: importância e desafios em estudos organizacionais." *Desenvolvimento em questão*.n2.s/1

Tilio, F. (Jan-2014). "Teorias de Gênero: Principais Contribuições Teóricas Oferecidas pelas Perspectivas Contemporâneas." *Gênero*: Niterói. . v.14, n.2. p.125-148

Vilela, W. V., Santos, C. G & Veloso, J.C.(2006). "Sobre Transgênero: produzindo corpos e subjetividades". *Saúde coletiva*: Bolina,São Paulo, v.3, n.11,p.73-78

Vinuto, J. (Dez-2014). "A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: Um debate aberto, Temática Campinas." São Paulo, v. 22, n. 44, p.203-220.

Wacitela, D. (2022). "*hoje estou a pôr um Pô, amanhã é um batom..*": *Um estudo sobre o processo de construção da identidade das mulheres transgêneros na cidade e província de Maputo.* " [Monografia, UEM]. Repositório.

Wittman, I. (Dez-2019). "O corpo nasce de uma identidade: reflexões sobre a construção do corpo em experiência transgênero s." *Cadernos de campo*: São Paulo, v.20, n.2.

ANEXOS

Guião de história de vida

A presente história de vida tem como objectivo colher relatos que possam permitir-nos compreender os factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero. Este objectivo concerne ao trabalho de fim de curso para a obtenção de grau de licenciatura da Universidade Eduardo Mondlane.

Agradeço com antecedência, e pedimos ao entrevistado que responda todas as perguntas com franqueza e sinceridade, em função da sua experiência individual. E lembre-se que todas as experiências são de extrema importância para esta pesquisa e que é livre para interromper, pedir esclarecimento e criticar algumas perguntas caso não esteja de acordo, pode também desistir da entrevista a qualquer momento, quando entender ser conveniente.

Perfil sociodemográfico dos entrevistados.

Nome

Idade

Naturalidade

Nível académico

Profissão

Morada

Estado civil

Sexo

Religião

Tópicos

Tópico geral: compreender os factores que influenciam o processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo.

Tópicos específicos

1. Processo de (des)construção do corpo dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo.

- 1.1. Como foi o processo de (des)construção do seu corpo?
- 1.2. O que mudou? A transformação agrada-lhe?
- 1.3. Teve algum constrangimento (financeiro, problemas de saúde ou social)?
- 1.4. Qual foi o comportamento que teve de adoptar para poder adequar-se ao novo corpo?

2. Factores que influenciam a (des)construção do corpo dos homens transgénero na Cidade e Província de Maputo.

- 2.1. Quando decidiu (des)construir seu corpo?
- 2.2. Como foi revelar essa decisão aos outros (família, amigos, colegas, vizinhos e etc.)?
- 2.3. O que o/a influenciou a fazer a mudança?
- 2.4. Como é a sua relação com outras pessoas transgénero?
- 2.5. Como é a sua relação com pessoas que não são transgénero?

3. Explicação dos factores que influenciam a (des)construção do corpo transgénero na Cidade e Província de Maputo.

- 3.1. Por que decidiu transformar o seu corpo?
- 3.2. Como você percebe o seu corpo?
- 3.3. O que você vê quando se olha no espelho?

3.4. Que sentimento teve ao assumir o corpo?

3.5. Como é que as outras pessoas reagem diante da sua transformação?

Guião de observação

No presente guião, são apresentados os locais e aspectos observados durante a colecta das histórias de vida dos nossos entrevistados.

Locais de observação:

- TRANSformar
- LAMBDA
- Jardim dos Madjermas
- Nkobe
- Jardim dona Berta
- Praça da paz

Aspectos observados

Houve vários aspectos observados:

- O comportamento dos homens transgénero;
- O aspecto físico;
- A forma de vestir;
- A maneira de andar e falar;
- Boa relação entre os homens transgénero e os indivíduos cisnormativos, onde alguns são tratados por estes como homens.